blimunda
80

# GUA
# DALA
# JARA

MENSAL JANEIRO 2019 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

UM ANO DEDICADO À ARTE DE FAZER LIVROS
editorial

LEITURAS
Sara Figueiredo Costa

ESTANTE
Andreia Brites e Sara Figueiredo Costa

SUSIE ORBACH
Sara Figueiredo Costa

GUADALAJARA:

5 DIAS EM GUADALAJARA
Ricardo Viel

SARAMAGO, O DESAFIANTE
Hermann Bellinghausen

FAZ 20 ANOS
Sealtiel Alatriste

ATRASO
Andreia Zamorano

REALIDADE
NA LITERATURA INFANTIL
Andreia Brites

AND THE WINNER IS...
Andreia Brites

ESPELHO MEU
Andreia Brites

SARAMAGUIANA
A GUERRA
DO DESPREZO
José Saramago texto e fotografias

A VARA DE NEGRILHO
Manuel Gusmão

AGENDA

EPÍGRAFE
José Saramago

**blimunda n.º 80 janeiro 2019**

DIRETOR
Sérgio Machado Letria
EDIÇÃO E REDAÇÃO
Andreia Brites
Ricardo Viel
Sara Figueiredo Costa
REVISÃO
FJS
DESIGN
Jorge Silva/silvadesigners

Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

PROPRIETÁRIO
Fundação José Saramago
NIPC
508 209 307
SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO
Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa - Portugal
blimunda@josesaramago.org – www.josesaramago.org
N. registo na ERC 126 238
Os textos assinados são da responsabilidade
dos respetivos autores.
Os conteúdos desta publicação podem ser
reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

**Fundação
José Saramago
The José Saramago
Foundation
Casa dos Bicos**

# Onde estamos
# Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

Como chegar Getting here
Metro Subway
Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses
25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

## Seg a Sáb
## Mon to Sat
## 10-18h
## 10 am to 6 pm

JOSÉ SARAMAGO
FUNDAÇÃO FOUNDATION FUNDACIÓN

# estatuto editorial

A ***Blimunda*** é uma revista mensal de Cultura da Fundação José Saramago (FJS), dirigida com total independência política, ideológica, religiosa e económica e escrupulosamente respeitadora da Constituição da República Portuguesa, da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Declaração de Princípios da FJS.

A ***Blimunda***, e todos os seus trabalhadores, revêem-se nos principais documentos que regem a actividade jornalística: Código Deontológico, Estatuto do Jornalista e Lei de Imprensa, entre outros.

A ***Blimunda*** desenvolve a sua actividade editorial com absoluta liberdade e rigor.

A ***Blimunda*** defende e defenderá sempre a Liberdade e a Democracia.

editorial

# UM ANO DEDICADO À ARTE DE FAZER LIVROS

**«O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor que uma colher», disse certa vez Umberto Eco. Mas como se constroem esses objetos perfeitos? Como se faz um livro? Como se transforma algo impalpável, como uma ideia ou uma história, num objeto? Quais são as etapas da criação de um livro?**

**Com o intuito de responder a estas e outras questão e de aproximar o público de profissionais do universo editorial, a Fundação José Saramago e a Silvadesigners organizam o ciclo «Faz-me um livro». Durante todo o ano de 2019, em sessões bimestrais, sempre com entrada livre, a sede da FJS acolherá conversas entre editores, designers e ilustradores que pretendem dar a conhecer o trabalho daqueles que estão por trás da publicação de um livro e traçar um panorama destas áreas da indústria editorial em Portugal.**

**As sessões serão conduzidas por Jorge Silva, fundador do atelier Silvadesigners, e acontecem nos seguintes dias: 5 de Fevereiro, 2 de Abril, 4 de Junho, 1 de outubro e 3 de Dezembro.**

**No dia 5 de Fevereiro, no encontro que inaugura o ciclo, estarão presentes Vera Tavares, diretora de arte da Tinta da China, Rui Belo e Elisabete Gomes, designers da Silvadesigners. Participam também no ciclo o artista plástico e ilustrador Luís Filipe de Abreu, o ilustrador João Fazenda, os editores João Paulo Cotrim e Carla Oliveira, entre outros.**

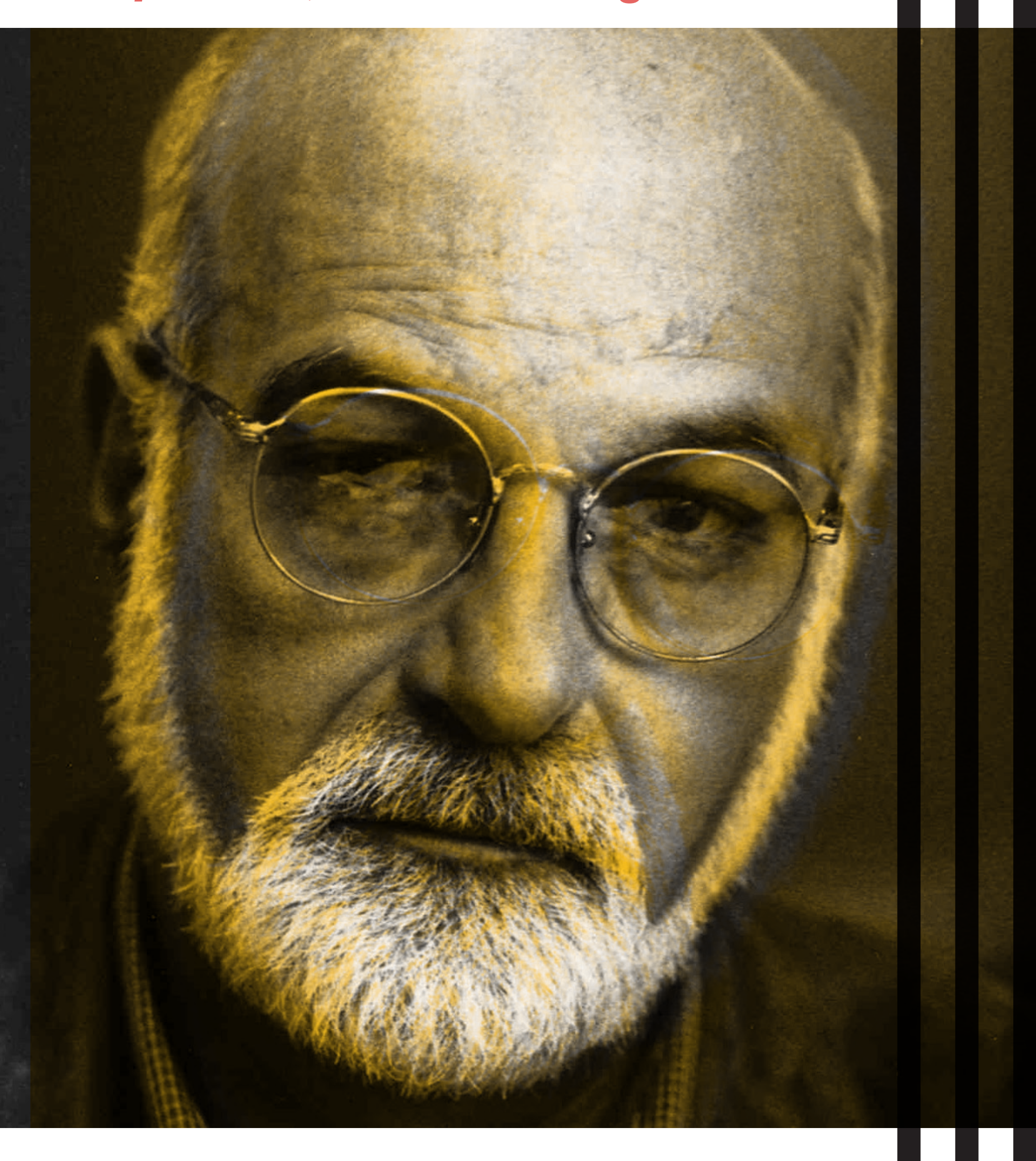
**Na página da Fundação José Saramago há mais informações sobre o ciclo. Sejam todos bem-vindos!**

# leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

## REVISITAR RUY DUARTE DE CARVALHO

***«Vim cá e viajei experimentando sempre um sentimento de filho pródigo ciente daquilo que enquanto pessoa deve ao Brasil pelo que desde muito cedo na vida o Brasil lhe deu a ler, a ouvir, a aprender, a ver e a imaginar.»***

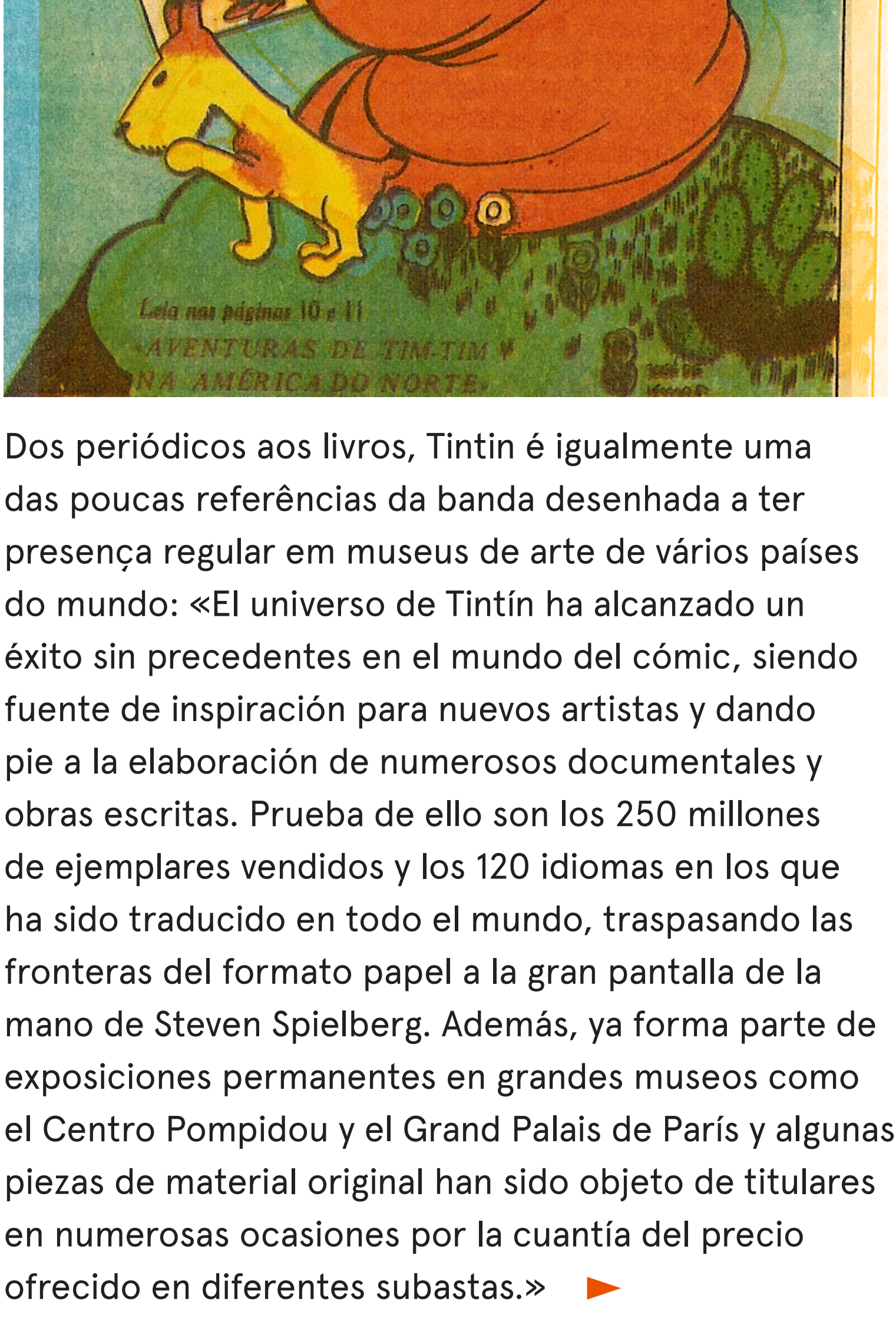


Num texto publicado na *Revista Pessoa*, Marta Lança regressa à obra de Ruy Duarte de Carvalho, particularmente aos seus últimos livros publicados em vida (*Desmedida*, disponível em edições da Cotovia e da Língua Geral, e *Terceira Metade*, disponível na Cotovia). A leitura destes livros cruza as visões e reflexões do autor sobre Angola e o Brasil, mas igualmente sobre a viagem, o diálogo ou os modos possíveis de usar a linguagem para registar, questionar e inventar. Um excerto:
«"Vim cá e viajei experimentando sempre um sentimento de filho pródigo ciente daquilo que enquanto pessoa deve ao Brasil pelo que desde muito cedo na vida o Brasil lhe deu a ler, a ouvir, a aprender, a ver e a imaginar", escreveria Ruy Duarte no fim de *Desmedida*.
Para a escrita deste livro, que convoca vários géneros e linguagens, o autor quis descobrir que Brasil seu era esse. Para tal, fez viagens preparatórias ao alto, baixo e médio rio São Francisco, do qual começa por falar "a duas senhoras paulistanas, sentado à mesa delas numa soberba fazenda de café". Explorar o rio S. Francisco afigura-se um trabalho de desconstruir o palimpsesto do país e de si próprio: "tentar apreender os seus passados para ver se consigo situar-me nos seus presentes", explorar o S. Francisco vindo ele de Angola "na condição que é a minha e dar-me à ousadia muito pessoal, íntima às vezes, de tentar explicar-me pesando, fundamentando, acrescentando, as minhas perceções do Brasil e do que o Brasil me dá a ver, a ler, a curtir, a abominar do Brasil, do mundo e de mim mesmo." (p 150) É esta dimensão afetiva de "um Brasil que mexe comigo desde que me sei gente" (p 203), de que reconhecemos a sensação e nos situa, também, no universo do diário de viagem, na subjetividade da perceção.
Por essas águas de São Francisco já tinham andado outros "bandeirantes e bandidos, escritores e aventureiros", o que deu várias literaturas e especialmente um Richard Burton, "explorador aventureiro por excelência", por volta de 1867. Ao longo do rio S. Francisco vamos desaguando no Brasil e suas figuras, das paisagens naturais às literárias, dos episódios históricos à confidência. Episódios como os jagunços implicados nos destinos dos sertões, homens de guerra que não podem trair a palavra dada. O saque de Januária, o mundo rural da primeira república brasileira, o coronelismo brasileiro como sistema, a origem quilombeira (teriam estes negros trazidos para o Brasil ou já ali nascidos, mas rebeldes, inventado uma escrita secreta?). Rio descendente vamos percorrendo mitos atravessados por outros tantos "ilustres cientistas, curiosos e artistas ávidos de Brasil e prontos a projetá-lo, com uma glória e com um brilho que se mantém até hoje, nas distinguidas aleias do tão contente de si mesmo saber ocidental".»

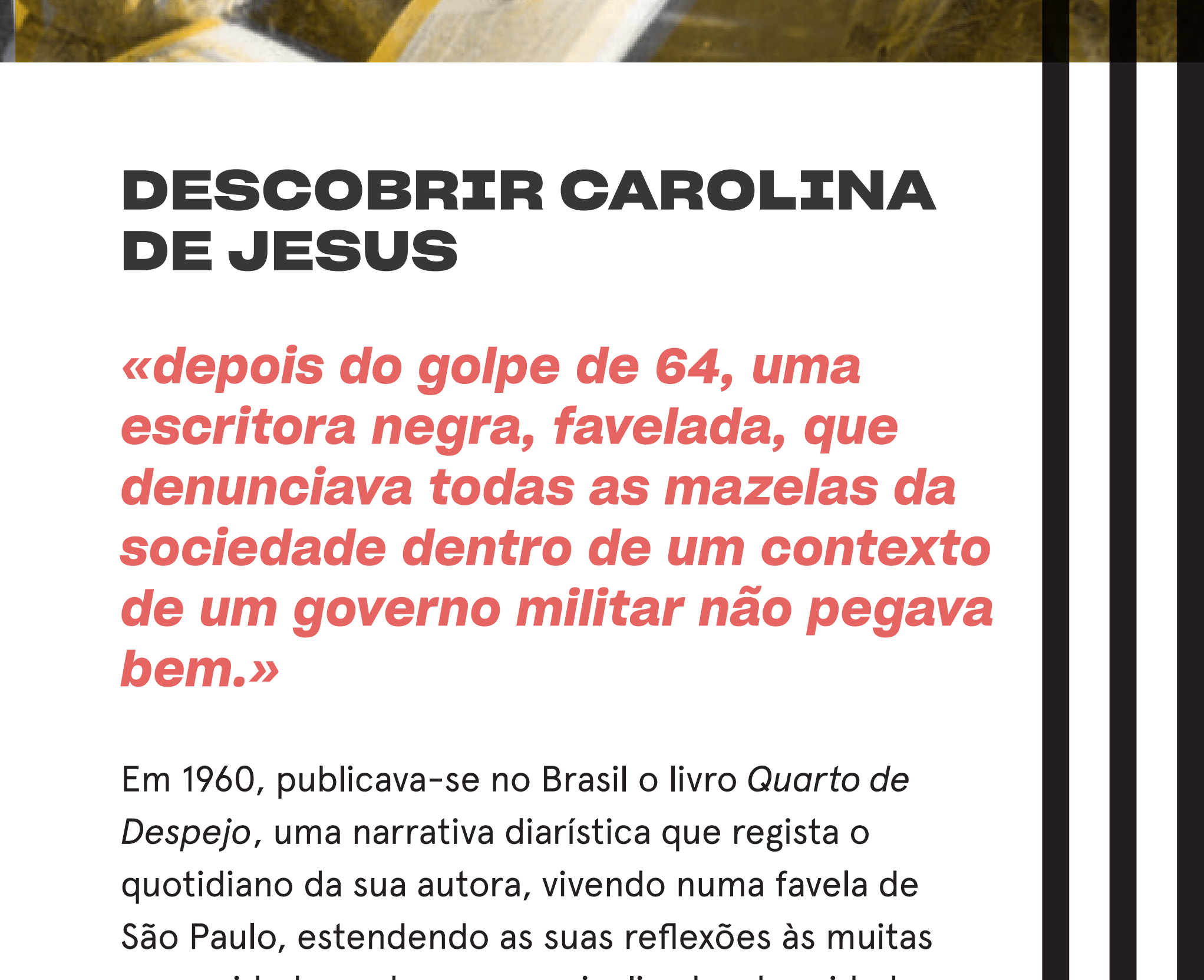
## NOVE DÉCADAS DE TINTIN

***«24 álbumes que supusieron el comienzo de un estilo gráfico y narrativo inédito hasta entonces, la denominada "línea clara", que causaría tendencia e influiría en artistas como Edgar P. Jacobs, François Craenhals o el español Miguel Calatayud.»***

Noventa anos depois, a personagem criada por Hergé continua a ser lida e publicada em muitas línguas, compondo uma referência universal com os contornos de um clássico. A Portugal, Tintin chegou nos anos 30 do século passado, com as suas aventuras publicadas em episódios no periódico juvenil *O Papagaio*. Assinalando o seu aniversário, o jornal *Clarín* dedica-lhe um perfil que percorre o trajeto de sucesso permanente da obra mais conhecida de Hergé: «En total, 24 álbumes que supusieron el comienzo de un estilo gráfico y narrativo inédito hasta entonces, la denominada "línea clara", que causaría tendencia e influiría en artistas como Edgar P. Jacobs, François Craenhals o el español Miguel Calatayud. A través de una trayectoria de 54 años, en las que pasó del periódico "Le Petit Vingtième" al diario "Le Soir" durante la ocupación alemana en Bélgica entre 1940 y 1944 y en el posterior semanario "Tintin", Hergé consiguió reflejar en cada volumen una parte de la historia del siglo XX, comenzando su publicación en color a partir de 1942 con el volumen La estrella misteriosa.»



Dos periódicos aos livros, Tintin é igualmente uma das poucas referências da banda desenhada a ter presença regular em museus de arte de vários países do mundo: «El universo de Tintín ha alcanzado un éxito sin precedentes en el mundo del cómic, siendo fuente de inspiración para nuevos artistas y dando pie a la elaboración de numerosos documentales y obras escritas. Prueba de ello son los 250 millones de ejemplares vendidos y los 120 idiomas en los que ha sido traducido en todo el mundo, traspasando las fronteras del formato papel a la gran pantalla de la mano de Steven Spielberg. Además, ya forma parte de exposiciones permanentes en grandes museos como el Centro Pompidou y el Grand Palais de París y algunas piezas de material original han sido objeto de titulares en numerosas ocasiones por la cuantía del precio ofrecido en diferentes subastas.»



## DESCOBRIR CAROLINA DE JESUS

***«depois do golpe de 64, uma escritora negra, favelada, que denunciava todas as mazelas da sociedade dentro de um contexto de um governo militar não pegava bem.»***

Em 1960, publicava-se no Brasil o livro *Quarto de Despejo*, uma narrativa diarística que regista o quotidiano da sua autora, vivendo numa favela de São Paulo, estendendo as suas reflexões às muitas comunidades pobres e marginalizadas das cidades brasileiras. A autora, Carolina de Jesus, nascida em Minas Gerais, nunca teve o reconhecimento que se esperaria perante uma escrita tão inovadora ou um sucesso de vendas como aquele que acompanhou a chegada do seu livro à livrarias. Agora, quarenta e um anos depois da sua morte, dois autores resgatam-na do quase esquecimento num livro de banda desenhada que já mereceu o Prémio Especial do Festival de Banda Desenhada de Angoulême, em França. Carolina, de Sirlene Barbosa e João Pinheiro (editora Veneta), acompanha a biografia de Carolina de Jesus, iluminando a atualidade da sua obra literária mas, igualmente, a importância da sua mensagem. Na revista digital Ponte, dedicada à temática dos direitos humanos, Maria Tereza Cruz escreve sobre Carolina, conversando com os autores sobre o seu processo de trabalho. «"Naquele contexto, depois do golpe de 64 [início do período da ditadura militar no Brasil que seguiria até os anos 80], uma escritora negra, favelada, que denunciava todas as mazelas da sociedade dentro de um contexto de um governo militar não pegava bem. Eles não iam querer mostrar uma realidade não condizente com o que eles pregavam, de que o país tinha igualdade racial, de que era um país que estava melhorando economicamente. Então ela era um incômodo", explica João Pinheiro. "E a academia também, que é branca e não considera a importância de Carolina", afirma.» Mais adiante, Sirlene Barbosa acrescenta: «Sirlene se orgulha da obra e espera que a história de Carolina chegue cada vez mais nas pessoas. "[Em 2013] Eu fiz uma pesquisa com 40 docentes, professores de salas de leitura da diretoria de Itaquera [região onde Sirlene também atua] e desses, 5 tinham ouvido falar dela, e uns dois apenas tinham iniciado a leitura de Quarto de Despejo", recorda. "Então, se o livro servir para que algumas pessoas possam nos dizer: 'eu não conhecia, eu passei a conhecer por causa do livro de vocês', teria atingido meu objetivo. Além disso, seria muito importante que ele chegasse nas mãos de meninos e meninas da periferia para que eles saibam que é possível ser o que a gente quiser. Para que possam conhecer a história da mulher Carolina Maria de Jesus, porque ela foi mãe de três filhos, uma grande chefa de família, sustentou mesmo aquela molecada numa favela terrível, não tinha água encanada, era uma única torneira na favela inteira, não tinha energia elétrica. Ela trabalhava e ainda chegava em casa e tinha forças de escrever", explicou.»

## AS MULHERES NO SCRIPTORIUM

***«Antes del siglo XII menos del 1% de los libros en las bibliotecas de los monasterios llevaban títulos o nombres de mujer. De ahí que se hubiera asumido que eran los monjes los encargados de los manuscritos.»***

O papel das mulheres nos mais diversos setores da sociedade sempre foi obscurecido, mas se recuarmos à Idade Média, essa ausência é avassaladora, quer pelo gesto de silenciamento, quer pela inacessibilidade que muitos trabalhos ou funções lhes apresentavam. No campo cultural, conhecem-se os nomes e as obras de algumas mulheres, claro, e talvez Hildegarda Von Bingen seja o mais sonante desses nomes – também pelo grau de desafio que assumiu perante uma sociedade profundamente patriarcal –, mas não é fácil encontrar provas de um trabalho continuado ou de uma presença de destaque em certos setores. Agora, uma equipa de investigadores da Universidade de York e do Instituto Max Planck para a Ciência da História Humana confirmou a presença de mulheres nos *scriptoria* medievais onde se produziam manuscritos iluminados. A prova: fragmentos de lapis lazuli nos dentes de um esqueleto feminino. A substância era utilizada na iluminura de manuscritos com imagens e era reservada aos iluminadores mais habilidosos. Como dizem os investigadores em entrevista ao jornal *La Vanguardia*, «los resultados de este trabajo cuestionan la idea de que eran los hombres, sobre todo los monjes, quienes producían los manuscritos iluminados. En la Edad Media, los libros en general se solían crear en los monasterios y estaban destinados a ser usados por monjes y nobles. Algunos de ellos estaban embellecidos con pinturas y pigmentos extraordinarios, como pan de oro y azul ultramar. Sin embargo, averiguar la identidad de quienes los elaboraban resulta complicado porque con frecuencia los escribas no firmaban su trabajo. Menos aún las mujeres. De hecho, antes del siglo XII menos del 1% de los libros en las bibliotecas de los monasterios llevaban títulos o nombres de mujer. De ahí que se hubiera asumido que eran los monjes los encargados de los manuscritos. Esta investigación desafía esa idea y revela que también las mujeres eran cultas, además de productoras y consumidoras de libros.»

# Novas da edição independente

PORTUGUESE SMALL PRESS YEARBOOK
2018

### PORTUGUESE SMALL PRESS YEARBOOK

**VVAA**
**Small Press Yearbook**

### HIPSTERS

**Matilde Feitor**
**Editora Saco Tótil**

É possível frequentar pequenas livrarias independentes e encontrar algumas das publicações que vão povoando o universo anárquico da chamada edição «alternativa», «independente» ou «marginal», nomeadamente no que aos territórios da banda desenhada, da ilustração e das artes gráficas diz respeito. Apesar disso, os espaços mais prováveis para encontrar uma amostra significativa do muito que se cria e edita nessa área continuam a ser as feiras de edição independente, entre elas a Raia, que em dezembro voltou a realizar-se na associação Anjos 70, em Lisboa.

Uma das publicações disponíveis entre as centenas de livros, plaquetes, cartazes, fanzines e outros objetos editoriais que se mostraram na Raia foi o *Portuguese Small Press Yearbook*, uma publicação anual realizada por Catarina Figueiredo Cardoso e Isabel Barahona que procura listar todas as edições de pequena tiragem que se tornam públicas todos os anos, especialmente nas áreas da ilustração, do livro de artista e de territórios afins. A edição de 2018 dedica-se à banda desenhada e o editor convidado é Marcos Farrajota, responsável pela Mmmnnnrrrg, editor da Chili Com Carne e provavelmente um dos mais dedicados conhecedores do que se edita neste âmbito em Portugal. Os textos de Farrajota (sempre em versão portuguesa e inglesa) traçam um panorama da edição portuguesa de banda desenhada ao longo de 2017, refletem sobre a perceção social desta linguagem em Portugal, sempre confrontando-a com alguns exemplos de outras paragens, e percorrem bibliotecas e arquivos portugueses com fundos e coleções relevantes para a matéria. A isto juntam-se algumas bandas desenhadas, de autores como Mao, Xavier Almeida, Ema Gaspar, Francisco Sousa Lobo, Bruno Borges e Paulo Mendes, todas refletindo aspetos narrativos relacionados com a criação e edição de banda desenhada. A completar a edição, e cumprindo o propósito inicial desta publicação, listam-se as edições da chamada small press (uma designação mais funcional do que «edição independente», e menos conflituosa do que «edição alternativa»), fazendo de mais um Portuguese Small Press Yearbook um objeto essencial para conhecer o que se vai publicando fora dos circuitos estabelecidos pelas editoras de média e grande dimensão e do retalho livreiro de redes e hipermercados.

Outra publicação que se encontrou na Raia foi a plaquete *Hipsters*, assinada por Matilde Feitor e com chancela Editora Saco Tótil. Trata-se de um álbum de retratos desenhados que pretendem representar jovens hipsters – um termo de definição sinuosa, mas que aqui se assume como remetendo para jovens urbanos cujos comportamentos, consumos e aspeto pretendem diferenciar-se da cultura de massas – , um pouco à maneira das coleções de figuras-tipo. Cada retrato surge acompanhado de um pequeno texto e é na junção de ambos que a autora firma a sua marca, fazendo de *Hipsters* um comentário irónico a uma certa cultura e um olhar crítico, sempre atravessado pelo humor nos seus modos mais discretos, que acaba por ser também autocrítico (veja-se o pormenor de todos os personagens usarem sacolas de pano, as tote bags, e de o nome da chancela onde se publica esta obra ser Saco Tótil, com um logotipo que é uma sacola). Tanto quanto é possível afirmar, esta é o primeiro trabalho de Matilde Feitor a surgir editado num registo que permite alguma difusão, mesmo que apenas em feiras de edição independente e espaços afins. Seguramente, trabalhos futuros vão merecer a atenção de quem acompanha o que por aqui se vai fazendo em termos de ilustração, banda desenhada e territórios dialogantes.

# ESTANTE

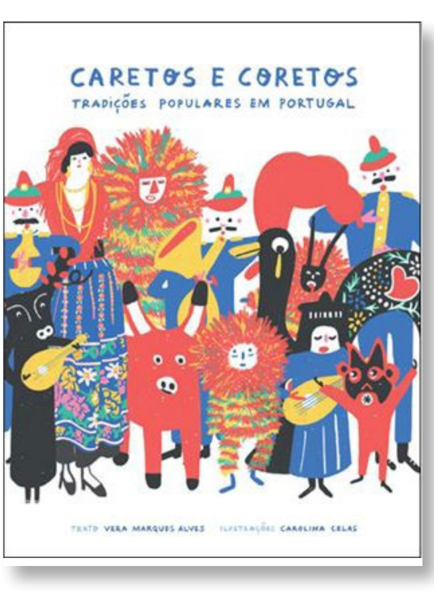
ANDREIA
BRITES

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

## CAROLINA

**Sirlene Barbosa e João Pinheiro**
**Veneta**

Em banda desenhada, conta-se a história de Carolina de Jesus, escritora que, nos anos sessenta, agitou o panorama literário brasileiro com um livro, *Quarto de Despejo*, que foi fazendo o seu percurso longe do cânone. Moradora numa favela, Carolina de Jesus escreveu sobre o Brasil que conhecia, e fê-lo de um modo intenso e capaz de abalar regras e conceitos – sociais como literários. A sua história volta agora às livrarias.



## CARETOS E CORETOS, TRADIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

**Vera Marques Alves e Carolina Celas**
**INCM**

No âmbito da coleção informativa que a Imprensa Nacional Casa da Moeda tem vindo a editar a partir de moedas comemorativas, saiu este volume sobre vários elementos centrais da etnografia portuguesa. Do figurado de Barcelos às colchas de Castelo Branco, dos Caretos de Trás-os Montes aos Espigueiros do noroeste peninsular, há lugar para a sua história, episódios paralelos e uma ilustração vibrante em cor e expressividade.

## LOS PERIODISTAS ESTÁBAMOS ALLÍ PARA CONTARLO

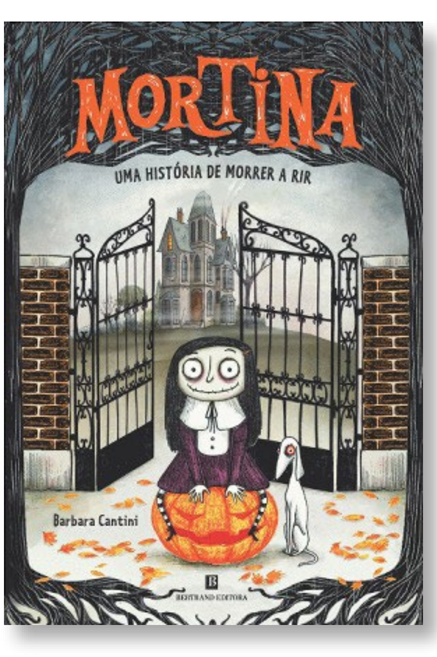
**VVAA**
**Teófilo Comunicación**

Meio século da história de Espanha surge neste livro pelos testemunhos de quem o acompanhou de muito perto. Cento e cinquenta jornalistas, muitos deles veteranos dos meios de comunicação espanhóis, partilham episódios que testemunharam e refletem sobre a importância da profissão numa altura em que tanto mudou.

## CORREIO PARA MULHERES

**Clarice Lispector**
**Relógio d'Água**

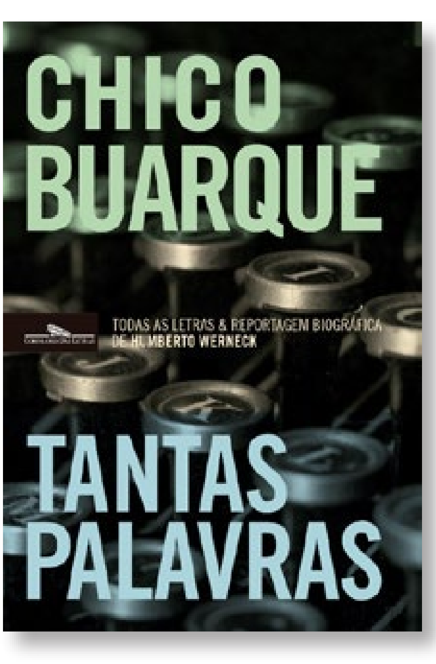
Reunião das crónicas que Clarice Lispector escreveu para algumas revistas brasileiras destinadas ao público feminino, onde os conselhos práticos e as ideias feitas definidas pela linha editorial das publicações se veem frequentemente atropeladas pela ousadia literária da autora de A Hora da Estrela.



## MORTINA, UMA HISTÓRIA DE MORRER A RIR

**Barbara Cantini**
**Bertrand Editora**

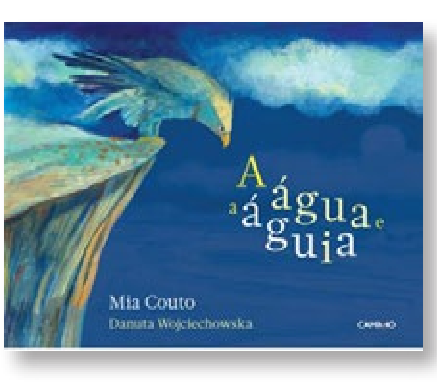
Mortina é uma menina morta-viva que, por razões de segurança, não se deve aproximar de crianças vivas. A tia Falecida zela para que a família não corra o risco de ser surpreendida pelos vivos, que as poderão expulsar ou pior. Mas a curiosidade acaba por suplantar o medo e Mortina acaba por encontrar uma solução que garantirá, acha ela, que o seu desejo se concretize sem precalços. Simples, a narrativa e a ilustração exploram um tema muito caro aos mais novos, entre o medo e o fascínio.



## TANTAS PALAVRAS

**Chico Buarque**
**Companhia das Letras**

Todas as letras escritas por Chico Buarque ao longo de mais de meia década de carreira reunidas num só volume, onde se incluem também várias histórias sobre a biografia do compositor de "A banda", "Construção" ou "Roda Viva".



## A ÁGUA E A ÁGUIA

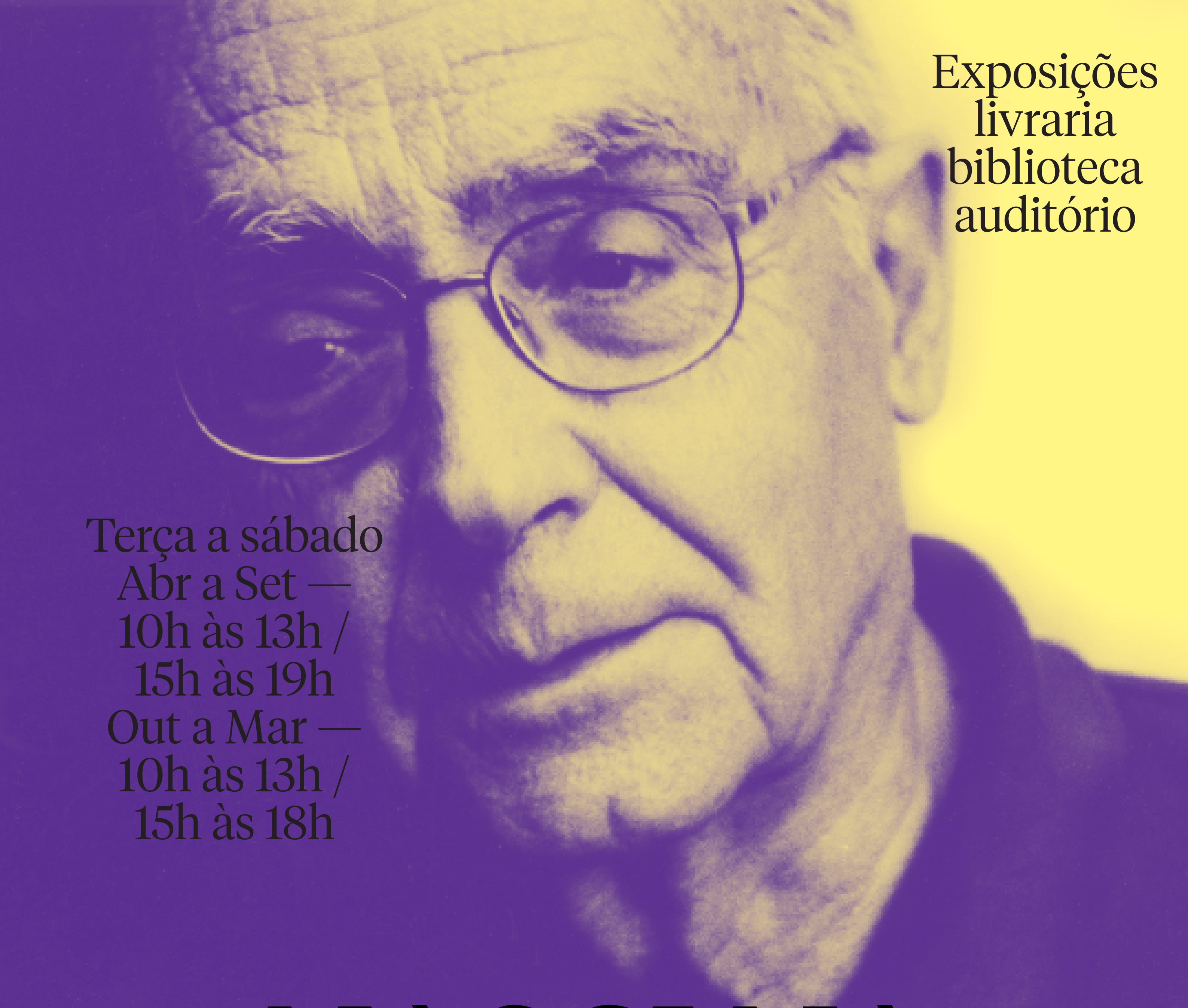
**Mia Couto**
**e Danuta Wojciechowska**
**Caminho**

Esta dupla, que já fez par noutros livros ilustrados na mesma editora, em boa hora regressa com mais uma narrativa de pendor maravilhoso. Uma fábula sobre a metamorfose, o desejo e a necessidade em torno da água. Da simbiose sensorial entre o voo das águias e o fluir da água no leito do rio chega-se, perante a seca, à simbiose linguística. Mia Couto associa, nesta narrativa, a natureza e a sua representação a que Danuta Wojciechowska junta as cores quentes da terra e os azuis do rio, entre os movimentos curvos das magestosas águias.

## SIRIO

**López Lam**
**Chili Com Carne**

Primeiro livro de uma nova coleção desta editora portuguesa de banda desenhada, que publicará romances gráficos de várias origens, Sirio acompanha um casal na sua estada de férias junto ao mar, desembrulhando os mal-entendidos, os não-ditos e os silêncios e procurando os seus reflexos naquilo que vai acontecendo em volta.



Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

# NASCI NA AZINHAGA

## SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA

GOLIGA
10 ANOS YEARS AÑOS
Fundação
José Saramago

---

# AMIGO DE SARAMAGO

## SEJA AMIGO DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO E DESFRUTE DAS VANTAGENS

www.josesaramago.org

Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10, 1100-135 Lisboa
Tel. (+ 351) 218 802 040
www.josesaramago.org

assine o
**suplemento pernambuco**

*anual* — **R$ 60**
*bianual* — **R$ 100**

# CASA JOSÉ
# SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

## EM ÓBIDOS

# Susie Orbach o mundo no divã

**Sara Figueiredo Costa**

O cinema, a televisão e a literatura habituaram-nos a uma imagem caricaturizada do psicanalista. Um homem, invariavelmente, de fisionomia impenetrável, ouvindo os pacientes que se sentam ou deitam no divã e emitindo comentários interpretativos mais capazes de baralhar o discurso do que de lhe encontrar um fio condutor. Para efeitos de enredo ficcional, funciona, e basta convocar dois ou três filmes de Woody Allen para o confirmar, mas a realidade estará um pouco longe dessa imagem cristalizada e, às vezes, nem há divã no consultório. Falando com Susie Orbach, uma das mais conhecidas psicanalistas da atualidade, percebe-se sobretudo a disponibilidade para ouvir, a curiosidade perante tudo o que se diz – mesmo que o que se diz seja sob a forma de pergunta, num registo de entrevista e não numa sessão de análise – e a vontade de ler as pessoas e o mundo à luz das múltiplas relações que se criam quando vivemos em sociedade.
Em Hong Kong, a autora de ***Fat is a Feminist Issue*** conversou com a *Blimunda* sobre os seus livros e o modo como o trabalho que desenvolve no consultório pode ter um reflexo público na sociedade – e fez perguntas, muitas, sobre como está Portugal desde que tem um governo de esquerda, sobre Bolsonaro, que acabava de ser eleito no Brasil, sobre o turismo e o aumento de rendas em Lisboa, e também sobre a China, a censura, a hipótese de um debate feminista nesse contexto…

Nascida em Londres, em 1946, Susie Orbach mudou-se para Nova Iorque na adolescência e foi aí que iniciou o percurso que a levaria à psicanálise e à psicoterapia. Em 1976, com Louise Eichenbaum, fundou o Women's Therapy Centre em Nova Iorque, criando, mais tarde, uma extensão em Londres. O seu trabalho como psicoterapeuta decorre no consultório onde continua a acompanhar vários pacientes, longe, como tem de ser, de olhares exteriores, mas no espaço público, Susie Orbach tem encontrado várias formas de criar pontes entre a psicoterapia e os vários debates que vão marcando a sociedade, do feminismo à perceção do corpo, da sexualidade à influência dos media no modo como vivemos a nossa identidade. ***Fat Is a Feminist Issue***, publicado pela primeira vez em 1978 e seguramente a sua obra mais citada, trouxe aos leitores uma reflexão sobre o modo como as mulheres se relacionam com o seu corpo, contextualizando essa relação a partir de construções sociais, culturais e políticas onde se cruzam a imagem, a ideia de adequação, o desejo, mas também a nutrição, a compulsão e a auto-repressão. Em livros mais recentes, a autora tem procurado formas de trazer para o espaço público aquilo que acontece num processo terapêutico, não de um modo voyeurístico – até porque há questões de confidencialidade que não podem ser quebradas –, mas tentando relacionar as preocupações e perturbações de pessoas individuais com aquilo que vivemos enquanto comunidade.

## Ouvir os outros

No consultório, Susie Orbach continua a ouvir pacientes e a relacionar-se com eles. De um certo modo, essa experiência é fundamental para aquilo que escreve e para as muitas palestras que vai dando pelo mundo. E é, como nos confirma a autora, um modo privilegiado de aceder a tantos fragmentos que compõem a experiência e a natureza humanas: «É um privilégio inacreditável. Não consigo deixar de ouvir as pessoas, mesmo no autocarro ou na rua, estou sempre a ouvir aquilo que dizem, as conversas. Suponho que os escritores também fazem isso, dando atenção ao tom, aos sentimentos, etc. Sou muito sortuda, sim. E não estou apenas a ouvir, as pessoas partilham os seus desafios, as suas lutas, comigo. O privilégio é esse, o de poder participar no seu desenvolvimento.» Se foi esse o motivo que a levou a querer ser psicanalista, não há certezas: «Quem sabe? Sempre gostei de ouvir os outros, mas fiz muitas coisas antes de ser terapeuta… Estudei Russo, História Europeia, trabalhei em planeamento urbano, depois interessei-me por direito… Ser terapeuta é algo que não se pode fazer num período curto, é uma aprendizagem muito longa, talvez seja para sempre, e não me impede de continuar curiosa sobre tudo o resto, pelo contrário. Uma das coisas fantásticas de se ser terapeuta é o facto de podermos aceder a tantos mundos diferentes. Sei coisas sobre química, porque acompanhei alguém dessa área, ou sobre tantos outros assuntos e áreas. É sobre a vida e sobre as experiências de vida das pessoas.»

Relacionar a sua experiência como terapeuta, no consultório, com uma intervenção social e política é, para Susie Orbach, um gesto inevitável. «Há uma ligação óbvia e necessária. Parece-me um enorme desperdício aprender tudo aquilo que vou aprendendo no consultório e não o partilhar. Por outro lado, acho que não consigo suportar sozinha a dor de tantas histórias sem me virar para a teoria, porque também sou uma teórica, e isso, de um certo modo, passa por transmutar essas histórias noutra coisa. Também, porque a terapia ensina-nos muito sobre as doenças da sociedade e os seus segredos, aquilo que está mal. Para mim, não há conflito, mas para muitos terapeutas, há. Isso está a mudar, mas ainda é um problema.»

## Ao vivo, no consultório

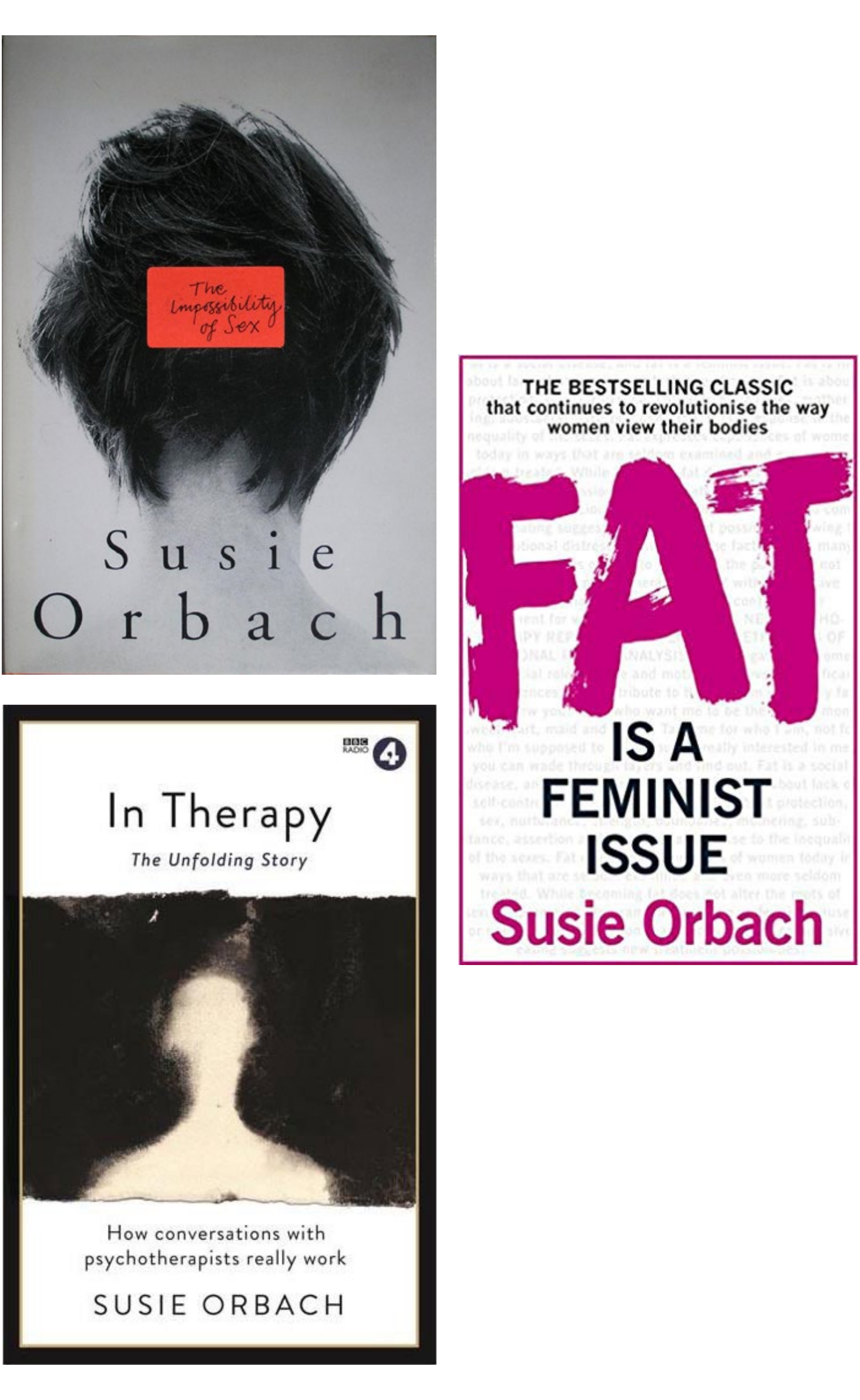
A presença de Susie Orbach na cidade deveu-se à sua participação no Hong Kong International Literary Festival, onde protagonizou uma das mais concorridas sessões de debate do festival, a propósito do livro ***In Therapy*** (2016). Nesse volume, criado na sequência de um programa de rádio emitido pela BBC4, a autora regista várias sessões de terapia decorridas no seu consultório, com a particularidade de os pacientes serem, na verdade, atores. Apesar desta estratégia, que assegurou o cumprimento da confidencialidade e da privacidade que não podem falhar na relação entre terapeuta e paciente, os textos de ***In Therapy*** não são exatamente guiões e, ainda que aquilo que refletem seja ficcionado, o modo como o refletem estará muito próximo daquilo que se passa no consultório de um psicanalista ou de um psicólogo. Num livro anterior, ***The Impossibility of Sex*** (2005), Susie Orbach escreveu sobre o que se passa no consultório, criando pequenas ficções que permitiam aceder, tanto quanto possível, às reações, pensamentos e emoções do terapeuta, tornando claro que aquilo que acontece num processo terapêutico é, também, muito relevante, e potencialmente causador de mudança, para o terapeuta. Neste ***In Therapy***, o ponto de vista é partilhado e aquilo que se procura é dar aos leitores o acesso possível à relação que se estabelece entre paciente e terapeuta e que, se tudo correr bem, trará mudanças essenciais ao modo como o paciente vive e se relaciona consigo próprio e com os outros. «Este livro foi um grande sucesso, talvez porque começou como um programa de rádio. Os atores tinham um determinado contexto, uma história, que eu não conhecia previamente. Diziam-me apenas qualquer coisa como "é um homem de meia-idade, casado, com dois filhos e sindicalista", "uma mãe em conflito com uma filha", "um homem que acaba de perder o emprego". Não sabia muito mais do que isto, mas os atores tinham criado toda uma história em conjunto com o encenador e chegavam ao meu consultório e tínhamos uma sessão de terapia. A ideia de fazer as coisas desse modo era precisamente replicar as mesmas tensões que acontecem na terapia. Para mim, não era diferente de estar numa sessão de terapia comum.»

Escolhidos pelo encenador Ian Rickson, com quem Susie Orbach já trabalhou várias vezes, nomeadamente no apoio à caracterização psicológica de certas personagens, os atores desta série radiofónica entretanto transformada em livro eram todos pouco conhecidos do grande público, para evitar uma identificação imediata, e profundamente familiarizados com o improviso, o que lhes permitia responder às solicitações criadas pelo decorrer da conversa com a terapeuta. Do lado da psicanalista, não foi preciso muito esforço para ignorar o contexto radiofónico e assumir a mesma atitude que pratica no consultório: «Nunca tive a sensação de estar a representar. Até porque no momento em que nos tornamos conscientes de estar a representar, deixamos de conseguir fazê-lo… Houve alguns erros, chamemos-lhes assim, porque em rádio não é possível corrigir isso, se estamos em direto. De repente, a voz soa de maneira menos boa, por exemplo, e isso fica, portanto, esses erros ficaram. Mas isso é precisamente o que acontece numa terapia, cometemos erros, dizemos coisas de forma menos elegante, ou interrompemos… mas o sentimento geral é verdadeiro e muito próximo do que acontece numa terapia.»

## Literatura e psicanálise

Traço comum aos livros da autora é a convocação permanente de muitos modos de olhar para o mundo e para a natureza humana. O ponto de partida surge sempre da sua profissão, sim, mas a discussão amplia-se com recurso à sociologia, à política, à arte ou à literatura. E esta última é, frequentemente, um espaço privilegiado para pensar sobre aquilo que somos ou vamos sendo, conforme os momentos. Em ***In Therapy*** há mesmo uma comparação assumida entre literatura e psicanálise, numa passagem onde se lê que as duas áreas revelam aquilo que é comum à experiência humana, escavando através das particularidades do indivíduo. Sobre essa proximidade, diz Susie Orbach que «há certamente uma ligação entre a literatura e a psicanálise, e talvez ainda mais forte entre a escrita e a psicanálise. Num certo sentido, são práticas muito semelhantes, ambas usam a linguagem, são ambas sobre a impossibilidade de encontrar as palavras certas, há repetição, vazios, ausências, surpresas. Sou amiga de alguns escritores e nada me parece implausível, porque aquilo que acompanhamos numa terapia é muitas vezes essa riqueza, essa luta para existirmos enquanto seres humanos que também acompanhamos na literatura, portanto são atividades muito próximas.» Olhar para esses elementos comuns à experiência humana, reconhecendo as dores individuais nas de tantas outras pessoas – ou personagens – não faz, no entanto, com que as nossas dores desapareçam. Pode ser esse o objetivo da terapia? A resposta não é contundente:

«Quando somos terapeutas, temos uma perspetiva diferente para cada pessoa que acompanhamos. Estamos, de algum modo, a colocar-nos numa relação, que também influenciamos, claro, mas onde somos muito influenciados por aquela pessoa. De um certo modo, é assim que um livro funciona na relação com o leitor, só que aqui, é uma a pessoa que me influencia. Penso que a ideia de Freud, de transformar as neuroses em simples infelicidade, é capaz de ser o melhor que conseguimos fazer. A capacidade de nos sentirmos infelizes significa que temos capacidade de sentir, igualmente, várias outras coisas, como alegria, prazer, angústia, interesse, curiosidade, tristeza, e isso é o faz de ser humano algo maravilhoso.» A terapia não pode, portanto, mudar os factos da vida de cada um, o que não quer dizer que não altere profundamente a forma como podemos passar a lidar com eles, à medida que ganhamos auto-consciência: «A terapia não altera os factos, mas coloca-os numa perspetiva muito diferente. O modo como refletimos sobre a nossa mãe aos doze, aos dezoito, aos vinte sete, aos cinquenta ou aos oitenta anos iria sempre mudando, claro, mas não muda da mesma forma se formos auto-conscientes. Penso na mente como uma estrutura muito material e aquilo que tento fazer é colocar algum ar lá dentro, de modo a criar mais espaço. Um pouco como aqueles chocolates que têm bolhas… Acho que é uma boa imagem para aquilo que a terapia pode ser.»


The Impossibility of Sex
Susie Orbach
THE BESTSELLING CLASSIC that continues to revolutionise the way women view their bodies
FAT IS A FEMINIST ISSUE
Susie Orbach
In Therapy
The Unfolding Story
How conversations with psychotherapists really work
SUSIE ORBACH

## O corpo também é político

Em ***Fat Is a Feminist Issue***, bem como em ***Bodies*** (2009), torna-se claro que o modo como vemos os nossos corpos, e como vivemos com eles, se reflete nos problemas que levam muita gente a procurar a psicoterapia. ***Fat Is a Feminist Issue*** foi publicado há quatro décadas, mas a vergonha e os complexos em torno do corpo e da sua imagem continuam a ser um problema. Por outro lado, os temas abordados neste livro, muito marcados pelo debate feminista dos anos 70 do século passado, mantêm-se dolorosamente atuais: «Há uma relação entre as mulheres não terem direito ao corpo e o #MeToo, claro», diz Susie Orbach. «É um tema complexo, porque as mulheres foram educadas para serem muito inseguras relativamente ao seu corpo e, de um certo modo, para o "decorarem", de modo a sentirem-se bem. Depois, há todo um mundo predatório que assenta o seu comportamento em algo com o qual as mulheres não estão confortáveis. Não é um tema simples, muito pelo contrário, mas tem de ser discutido.» Essa discussão, para a autora, passa também pela consciência de que a vergonha e os complexos em torno do corpo, concretamente do corpo feminino, continuam a estar na ordem do dia. «É um problema muito maior hoje do que há 40 anos. À medida que avançamos no capitalismo e o indivíduo é tudo, temos de nos apresentar como uma marca, temos de parecer uma série de coisas antes de podermos ser nós próprios. E os lucros feitos nos negócios associados à imagem são algo inacreditável… Na Europa, um dos homens mais ricos é o dono da Zara, mais rico do que Bill Gates, e o outro é o dono da Loreal. Essas são indústrias gigantescas, ainda que possamos pensar que não lucram assim tanto.»

Nessa arena em que se transformou a vida de tanta gente, cruzam-se várias questões sociais que vão para além da perceção do corpo e da alimentação. «É preciso colocar na equação coisas como a indústria da moda, a poluição ambiental, as condições laborais, a escravatura… Mesmo em Itália, li há pouco tempo que há trabalhadores de certas fábricas que recebem um dólar por hora para fazer casacos cujo preço de venda é superior ao seu salário de um ano inteiro. Tudo aquilo que sabemos sobre fábricas em colapso, ou a poluição dos oceanos provocada por esta indústria, tudo isso está relacionado, sim.» Há uma urgência no tom de Susie Orbach ao estabelecer relações entre o modo como vemos o corpo e a sociedade em que vivemos, definida pelo consumo e pelas modas, com todo o suporte comercial que esses dois elementos convocam e com todas as consequências que daí advêm. Havendo urgência, haveria esperança, mas aquilo que vai chegando através das notícias não é terreno fértil para o otimismo. «É muito difícil. Tivemos alguma esperança na terça-feira passada, certo, com a derrota de Trump nas eleições para o Congresso [em novembro de 2018], mas é uma esperança mínima. Indivíduos e grupos de amigos, ou organizações, vão intervindo no mundo e fazendo alguma diferença, mas se me perguntar se me sinto otimista em relação ao futuro, não sinto, não consigo…»

Apesar da dificuldade em imaginar um futuro que altere as regras do jogo atual, Susie Orbach continua a participar ativamente na possibilidade de construir esse futuro. Em Inglaterra, faz parte do grupo ativista Endangered Bodies, um espaço onde os direitos humanos e o feminismo se cruzam com a luta contra a ideia de um corpo perfeito. «Temos muita gente jovem a trabalhar connosco e isso ajuda a ter esperança. Sou a mais velha do grupo e o resto das pessoas são muito mais novas, o que permite que ouçamos as experiências uns dos outros, necessariamente diferentes, e isso tem muito significado.» Quarenta anos depois de ***Fat Is a Feminist Issue***, muitas coisas mudaram no que aos direitos das mulheres diz respeito, bem como à discussão pública em torno dos mesmos, mas o debate feminista continua a enfrentar velhas reivindicações, juntando a essas uma série de novas questões onde a imagem das mulheres parece só ter lugar em pé de igualdade se cumprir determinados requisitos: «Não vivemos fora da sociedade, por isso temos de encontrar modos de nos inserirmos nela… Há outra questão que é relevante para as mulheres mais novas, que é a ideia de terem de ser bem sucedidas, vencedoras, competitivas, o tipo de valores que não me pareciam relevantes, a este nível de sucesso e competição, para o feminismo.

Conseguir o trabalho, conseguir o aspeto certo, conseguir o homem ou a mulher, ter o bebé, a casa… parece-me uma ideologia que nos foi vendida, imposta. Parece-me que vivemos numa espécie de anúncio publicitário, sem grande preocupação com a nossa contribuição, o que é estranho para a minha geração… ainda vivemos na ideia da democracia social, por isso não pensamos muito nessa ideia de querermos ser uma estrela. Quando pergunto aos miúdos o que querem ser, às vezes dizem-me que querem ser famosos. E eu pergunto: famosos por que feito? Há umas semanas fui falar numa conferência e os painéis estavam cheios de mulheres mais novas que eram todas *influencers*. O que é que esta palavra quer dizer? Na verdade, significa que se trabalha, mesmo que não se saiba, para as agências que definem modas e consumos. Não consigo perceber e às vezes dou comigo em choque perante aquilo que não sei… Trabalho sobretudo com jovens progressistas, ou marginalizadas, com aquelas e aqueles que estão a tentar mudar a sociedade, não querendo ser *influencers*. Essa categoria não fazia parte das expectativas da minha geração.»

SÓCIO
GERADOR
G

Agora o Sócio Gerador vem com o cartão para a cultura portuguesa.

- + experiências
- + descontos
- + assinatura Revista Gerador

Sabe tudo em
gerador.eu/cartao-socio-gerador

# Guadalajara

Entre os dias 24 de novembro e 2 de dezembro teve lugar a 32.ª edição da Feira Internacional do Livro de Guadalajara. Considerada o encontro literário mais importante do continente americano, os números da FIL impressionam: mais de 800 mil visitantes, cerca de 2 mil editoras, 47 países representados, mais de 20 mil profissionais do livro.
Portugal foi o país convidado este ano e levou para a cidade do norte do México dezenas de criadores. Além da literatura, estiveram em destaque a música, o cinema, a gastronomia, o teatro e as artes plásticas do país.
A ***Blimunda*** preparou um dossier sobre a FIL com textos do escritor mexicano Sealtiel Alatriste e do jornalista Hermann Bellinghausen, ambos lidos durante a apresentação de ***Último Caderno de Lanzarote***, de José Saramago, na FIL, e de um diário escrito por Ricardo Viel, diretor de comunicação da FJS, sobre os dias que passou em Guadalajara.

FOTOGRAFIAS ©FIL

# 5 dias em Guadalajara

**Ricardo Viel**

## Dia 1

### Sábado 24 novembro

«O interesse neste evento superou as nossas expectativas, pedimos desculpas àqueles que não puderam entrar e cumprimentamos os que assistem a partir do lado de fora», escuta-se no átrio do auditório do Pavilhão de Exposição da Feira Internacional do Livro de Guadalajara, a FIL. Quem diz estas palavras é o moderador de uma das mesas que acontecem em simultâneo nesta tarde de sábado, primeiro dia da feira, e que é retransmitida, através de um ecrã, para aqueles que não puderam entrar.
Às cinco da tarde, além do auditório, em quatro das cinco salas montadas (e que têm capacidade para algumas centenas de pessoas cada uma), à porta, um cartaz avisa: lotação esgotada. Numa delas, a diretora da FIL, Marisol Schulz, o escritor Sealtiel Alatriste, que foi editor de José Saramago quando lhe atribuíram o Nobel, os jornalistas Hermann Bellinghausen e Lydia Cacho, e Pilar de Río, presidenta da Fundação José Saramago, estão reunidos para falar da face política do autor de Levantado do Chão. Sealtiel recorda a viagem que fez com o escritor português até Chiapas, no Sul do México, no começo de 1998, meses depois de 43 indígenas (crianças e mulheres incluídos) serem encurralados e executados por forças paramilitares. «Ele disse-me que viria ao México, cumpriria a agenda que nós quiséssemos, mas que eu tinha que lhe prometer que iríamos a Acteal visitar os seus amigos zapatistas». Visivelmente emocionado, o escritor mexicano detalhou as dificuldades daquela viagem e os relatos dilacerantes que escutaram, como o de um religioso que pediu para morrer com os indígenas. «Carlos Monsiváis afastou-se para chorar. Eu também chorava, como hoje», acrescenta. Hermann, que era correspondente em Chiapas aquando do massacre aos indígenas, explica que só voltou ao local por causa da visita do escritor português. «Eu não queria voltar lá, era muito doloroso para mim, mas quando soube que o Saramago ia...» Conta que viu o escritor baixar-se, apanhar uma pedra e colocá-la no bolso, um gesto de quem não quer esquecer que ali esteve. «É curioso que num ano em que não haja um Nobel de Literatura falemos tanto do Nobel de Saramago, é como se lhe déssemos o prémio pela segunda vez», conclui. Lydia Cacho destaca a visão de José Saramago como alguém preocupado com os direitos das mulheres e com a violência de género. «Só alguém muito feminista poderia casar com a Pilar», brinca. Marisol Schulz termina a sessão com palavras de agradecimento a Saramago e a Pilar, segundo ela personagens fundamentais para que Portugal seja o país convidado deste ano na Feira. «Saramago plantou há anos a semente, e muito fez a Pilar para que se concretizasse».

A Feira começara umas horas antes, com a cerimónia de abertura que apresentou Portugal como país convidado de honra e teve como ponto alto a entrega do prémio FIL da Literatura em Línguas Romances a Ida Vitale, de 95 anos. No seu discurso, a poeta uruguaia fez menção à maneira calorosa como foi recebida no México durante o seu exílio, o que permitiu que se sentisse integrada no país desde o início.

Leio o material de divulgação da feira que me foi entregue e sinto uma vertigem pelos números apresentados: mais de 400 mil títulos disponíveis e cerca de 800 escritores, 450 intelectuais e académicos e 60 cientistas participarão na Feira. Com o mapa na mão tento entender a disposição das salas, dos stands, localizar o pavilhão de Portugal e perceber qual a melhor maneira de percorrer estes imensos corredores abarrotados de gente. Prestes a terminar o primeiro dia, o único que consegui minimamente visitar foi o pavilhão português. Muito bem localizado e com uma decoração de bom gosto, com a assinatura de cada um dos autores presentes em destaque em grandes telas, o espaço luso tem também uma grande livraria e um auditório.

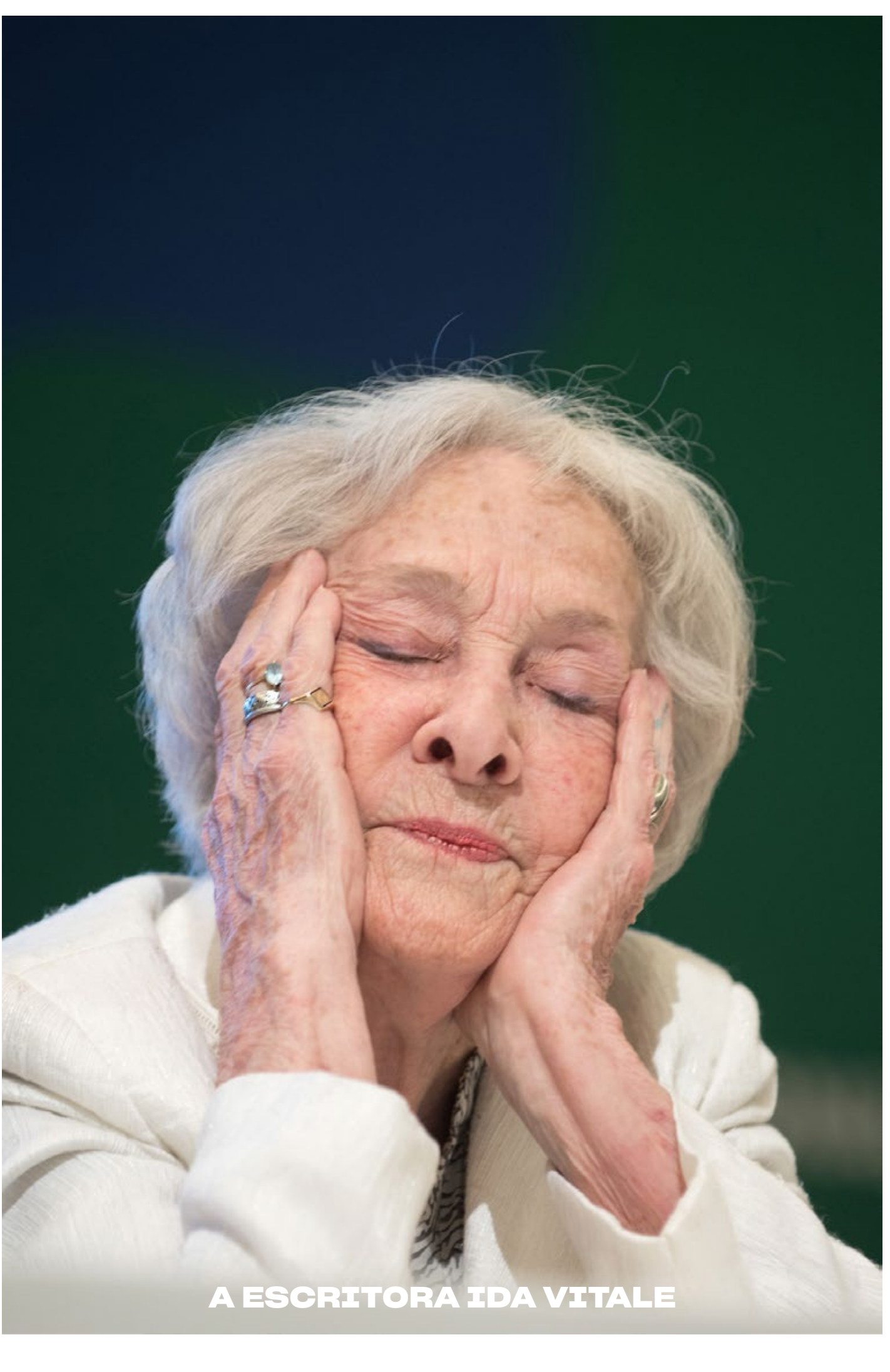
## Dia 2

### Domingo, 25

Talvez fosse útil que nos folhetos com o programa da feira, e na entrada do pavilhão, figurasse um aviso nos seguintes termos: Cuidado para não pisar os leitores. É muito comum, enquanto se caminha pelo espaço, dar com pessoas pelo chão, sentadas na alcatifa, encostadas a pilares, nas paredes ou sem qualquer recosto, com livros diante dos olhos. E também há os que leem em pé. Antes do início das sessões, folheiam-se livros. Na fila para autógrafos ou para pedir algo no bar, folheiam-se livros. Aliás, a FIL deve ser o único lugar que conheço em que os telefones móveis não são soberanos no «roubo» da atenção das pessoas. Aqui os livros rivalizam bravamente com eles. Filas? Sim. Para tudo: para entrar na feira, para assistir às mesas, para os autógrafos, para comprar uma garrafa de água, para comprar um livro, para pagar o livro que foi comprado, para ir à casa de banho, para apanhar um táxi, para beber uma tequila que é oferecida num dos stands...
Tenho a impressão de que no México tudo é grandioso. Muita gente, muito tráfego, muito ruído na cidade, muito picante a comida, muito simpáticas as pessoas. No hotel em que me hospedo, com grande parte da delegação portuguesa, há uma árvore cuja circunferência do tronco exigiria pelo menos cinco adultos para abraçá-la. Além da grandeza, chama-me a atenção o colorido das coisas (roupas, comidas, casas, natureza etc).
Pela tarde, Pilar del Río, Gonçalo M. Tavares, Ondjaki e Jorge Volpi reúnem-se no pavilhão português para conversarem sobre literatura lusa contemporânea. Gonçalo e Ondjaki, ambos vencedores do Prémio José Saramago, relembram a relação que tiveram com o português Nobel da Literatura e opinam sobre a situação da literatura hoje nos seus países. O angolano Ondjaki defende que cada escritor deve escrever «na sua língua portuguesa» e demonstra preocupação com a situação da nova literatura no seu país. «Faltam nomes, fala-se sempre dos mesmos». Gonçalo vê um panorama mais promissor em Portugal. Pilar del Río tenta defini-los: «O Gonçalo é um filósofo pré-socrático e Ondjaki é um renascentista.»
Do segundo dia da FIL guardarei a emocionante homenagem feita a Carlos Fuentes, que completaria 90 anos, e que contou com a presença de sua companheira de toda a vida, Silvia Lemus. E também a frase de Orhan Pamuk: «Considero-me um escritor feliz, embora não seja uma pessoa feliz.» O escritor turco, Prémio Nobel de Literatura de 2006, recebeu das mãos de Silvia Lemus a medalha Carlos Fuentes.

**Feira Internacional do Livro de Guadalajara**

PAVILHÃO DE PORTUGAL


A ESCRITORA IDA VITALE

HONORIS CAUSA PARA A ESCRITORA JUDITH BUTLER PELA UNIVERSIDADE DE GUADALAJARA

## Dia 3

### Segunda-feira, 26

Guadalajara é mais do que o grande quarteirão do pavilhão da FIL. No terceiro dia consigo escapar até ao centro da cidade, dar uma volta pelo mercado de San Juan (vários andares com roupas, artigos de couro, frutas e comidas) e visitar o Hospício Cabañas, belíssima construção colonial que hoje funciona como centro cultural. O maior atrativo do lugar são as 57 pinturas do muralista José Clemente Orozco, um dos maiores artistas plásticos mexicanos do século XX. Por causa da presença portuguesa na FIL, por umas semanas uma exposição sobre a obra mural de Almada Negreiros fará companhia às maravilhas de Orozco.

De volta à Feira...
Se alguém pensa que na segunda-feira há menos pessoas pelos corredores do pavilhão da FIL engana-se. As escolas da cidade de Guadalajara trazem os seus alunos para assistirem aos atos. Jovem com uniformes colegiais enchem de energia e ruído o espaço da feira.
Além do aviso sobre os leitores espalhados pelo chão, talvez fosse útil mais uma advertência: convêm ir à FIL com calçado confortável e uma certa preparação física. São muitos e longos os corredores da feira. Cerca de duas mil editoras estão representadas. Quando o visitante pensar que já percorreu toda o pavilhão descobrirá, atónito e com as pernas cansadas, que só conheceu uma parte da feira, que há outro sector onde estão as editoras estrangeiras e ainda outro andar, onde boa parte das apresentações de livros acontecem.
No final do dia, a editora Mayra González, os escritores Sérgio Ramírez e Jorge Volpi, e Pilar del Río, apresentam ao público mexicano o *Último caderno de Lanzarote*, de José Saramago. «São cartas aos leitores», resume a presidenta da Fundação José Saramago. Volpi destaca que ler esses diários de 1998 é, também, recordar como andava o mundo naquele ano, e recordar as preocupações que o escritor português tinha com o mundo. «A recuperação desse diário é, também ela, uma história quase literária», diz. Ramírez lê o prólogo que escreveu para *Um país levantado em alegria*, livro escrito por este que redige estas linhas. No texto o escritor nicaraguense aborda a relação de admiração e amizade que nutriu pelo o autor de *Todos os Nomes*.

## Dia 4

### Terça-feira, 27

No quarto dia adoto uma tática um pouco estapafúrdia, mas que me permite ter uma mínima ideia do que se está a passar na feira naquele dia. Procuro ir ao máximo de sessões possíveis, ainda que isso signifique ficar em torno de quinze minutos em cada uma. Como aquele personagem de *Budapeste*, romance de Chico Buarque, que caminha pela orla da praia no Rio de Janeiro e apenas escuta fragmentos de histórias, ando pela feira a apanhar pequenas partes de conversa, com o seguinte resultado final:

Juan Villoro, escritor mexicano, autor de livros infantis e para adultos: «A melhor maneira de promover a literatura é por contágio, não por imposição. A literatura está ligada ao afeto, e por isso é importante que os pais contem histórias às crianças (...) Creio que não se dá o devido valor àqueles que escrevem livros infantis.»

Dulce Maria Cardoso, escritora portuguesa: «Não acredito em ativismo na literatura. Acredito em literatura e em ativismo, mas não acredito que a literatura sirva para isso.»

José Eduardo Agualusa, escritor angolano: «Por ser angolano, acredito que a literatura pode mudar o mundo. Em Angola, foi através da poesia que as pessoas foram tomando consciência da exploração que sofriam e fizeram a revolução».

Ida Vitale, poeta uruguaia, numa conversa com estudantes: «O meu conselho para quem quer um dia escrever é: não tenham pressa e leiam tudo o que vos chegar às mãos».

António Lobo Antunes, escritor português: «Li *Pedro Páramo* [de Juan Rulfo] uma vez e não entendi nada. Li a segunda e não entendi nada. Li a terceira, e não entendi nada. E ainda assim o livro agarrava-me. É muito difícil encontrar um livro tão simples e complexo ao mesmo tempo.»

Ignácio Escolar, jornalista espanhol: «O jornalismo é muitas coisas, crónicas, resultados dos jogos de futebol e muito mais, mas é, sobretudo, pedir contas ao poder. O coração, a parte essencial do jornalismo é essa: cobrar o poder.»

Chama-me a atenção ver o interesse e generosidade de autores e autoras portugueses pelos seus pares. Nas sessões no Pavilhão de Portugal, Afonso Cruz, José Luis Peixoto, Valter Hugo Mãe, Lídia Jorge e muitos sentam-se lado a lado com leitores mexicanos para ouvir Filipa Leal, Ondjaki, Jeronimo Pizarro, Dulce Maria Cardoso, Rui Zink, e muitos outros.

## DIA 5

### Quarta-feira, 28

No hotel, os funcionários parecem já mais acostumados com o português e o portunhol que ouvem há quatro dias. Ainda assim, uma ou outra vez a comunicação falha. «O que é chirabe?», pergunta um jovem à colega de trabalho. Um hóspede tinha-lhe pedido algo e ele era incapaz de entender do que se tratava.

Hoje é o dia em que apresentarei o meu livro e o nervosismo impede-me de me alimentar adequadamente e de prestar atenção às restantes atividades da feira. Pelo tanto que li e escutei falar deste encontro, por aquelas fotos em que apareciam García Márquez, Juan Gelman, José Emilio Pacheco, Saramago, Poniatowska, Tomás Eloy Martínez, etc, etc, há anos que tinha o sonho de um dia visitar a FIL. Desejava muito estar aqui como visitante-leitor, e agora, suprema alegria, estreio-me na FIL como autor de um livrinho.
Uma hora antes da sessão tomo uma dose de tequila. Talvez não tivesse sido preciso, porque com a presença de vários amigos e a generosidade de Jeronimo Pizarro, que apresentou a obra, tudo correu bem.

Assim termina a minha feira. Levo comigo, além de muitos livros e recordações agradáveis, a alegria de ver como um encontro literário pode atrair tanto público e ser tão abrangente. A FIL aproxima quem lê dos que escrevem, homenageia escritores e escritoras, apresenta painéis de discussões sobre vários assuntos (política, imigração, feminismo, colonialismo, papel do jornalismo), serve de montra para novos nomes, de feira de negócios e também de palco para festas e encontros.
Sobre a presença portuguesa, pareceu-me que esteve à altura da Feira. Havia público, interesse, e uma ampla cobertura por parte da comunicação social mexicana. José Luís Peixoto, por exemplo, estampava a capa do caderno de cultura de um jornal. Acima de uma foto do escritor português, lia-se: «O Magalhães da Literatura». A mim parece-me um título muito acertado, ou não são os livros um instrumento para chegar ao desconhecido?

# Saramago, o desafiante

**Hermann Bellinghausen**

## 1.
## A SUA PENA

Tudo começa com a prosa envolvente, incansável, que nos ajuda com a sua própria respiração a permanecer no texto e a não o soltar. Essa qualidade hipnótica num tear de palavras ricas, mas não barrocas, graças ao seu talento igualitário (sim, democrático) que o afasta da pirotecnia do barroquismo latino-americano da segunda metade do século XX, com o qual, no entanto, o nosso José se familiarizou mais do que com qualquer outra narrativa, incluindo a portuguesa. Embora seja contemporâneo de Vargas Llosa, Carlos Fuentes, García Márquez, de certo modo é-lhes posterior e contradiz-los. Isso explica que à hora das taxonomias, a crítica anglo-saxã se deleite ao etiquetá-lo como «pós-moderno».

Admitamos que os romances de José Saramago, sobretudo os mais importantes, foram escritos depois da implosão do boom e usando diferentes ferramentas, ainda que tenha herdado as liberdades textuais e temáticas da deslumbrante romanesca hispano-americana e brasileira. Mas o mar de palavras, joyceano como em Guimarães Rosa ou Lezama Lima, multidirecional como em Cortázar, encontramo-lo novamente em Saramago com o seu dizer plano e a sua imagem, mesmo quando mágica, quotidiana e nítida.

Isto não afasta a sua recorrente e inspirada incursão na História, com erudição menos pretensiosa que a de Carpentier, disposta a transgredi-la com o desenfado de um cidadão comum. Saramago gosta da História que poderia ter sido, aquela que não se atreveu a acontecer ou não teve a oportunidade porque a fortuna dispôs outra coisa.

Os seus romances são fantásticas viagens de possibilidade extrema, mundos paradoxos e paralelos, seja por um heterónimo de Pessoa realmente vivo ou pela deliberada errata de um revisor em História do cerco de Lisboa. Saramago desafia a História, seja a passada, a presente ou a futura. Ronda a filosofia. E não é que flirte com a ficção científica, já que a sua matéria verbal é outra, mas pisa terrenos parecidos: um mundo de cegos, um mundo hipervigiado, os dias posteriores ao Grande Colapso ou a kafkiana subversão burocrática do real. Permite-se viajar no tempo, transgredir o relato de Jesus Cristo ou reimaginar com sentido comum il primo omicidio («o primeiro homicídio», como intitulou Alessandro Scarlatti um oratório que tem o mesmo assunto do romance Caim).

Para falar do escritor comprometido devemos destacar o impacto literário e público de José Saramago no âmbito hispânico. Incómodo no Portugal autoritário, dissidente a vida toda, exilou-se na periferia do Estado espanhol e de lá consolidou a sua obra. No entanto, a principal razão da sua presença em castelhano não é geográfica nem política mas, uma vez mais, literária. Graças a Pilar del Río, sua principal tradutora, é um autor do nosso idioma tanto como já o era em português. Se Beckett foi francês por mãos próprias, Conrad inglês e Brosdky norte-americano, podemos afirmar que Saramago é hispânico em colaboração com a sua tradutora. Isto fecha o círculo da sua marca: português, latino-americano e espanhol.

Só alguém que se move com tamanha leveza no tempo e no espaço se pode ligar ao presente e às suas urgências como o demonstrou Saramago. Ainda mais extraordinário é como usou a fama e a força que deu às palavras para sustentar a ação, a solidariedade ativa, a autoridade política e moral do que dizia e fazia. Disciplinado comunista, impermeável ao desencanto, nunca negociou o seu apoio, ainda que fosse crítico, à revolução cubana e a outras lutas de libertação. No México levou o seu ativismo público ao terreno do movimento indígena rebelde de Chiapas. Ao lado dos zapatistas transitou por algumas das páginas mais dignas da sua não-ficção e da solidariedade internacional com as comunidades sublevadas.

**Feira Internacional do Livro de Guadalajara**

EVA RAPDIVA E CAPICUA

VALTER HUGO MÃE

CAMANÉ

ANTÓNIO LOBO ANTUNES

LÍDIA JORGE

FRANCISCO JOSÉ VIEGAS

LUIS REPRESAS E MIGUEL INZUNZA

RUI VIEIRA NERY
E MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA

## 2.
## UM HOMEM AFORTUNADO

Desafiante, comprometido, em março de 1998 José Saramago chegou ao México disposto a tirar do sério o governo de Ernesto Zedillo. Semanas antes tinha anunciado, num artigo muito duro que deu a volta ao mundo, que visitaria Chiapas e expressaria o seu apoio aos rebeldes zapatistas. «Estou aqui porque não me é indiferente», insistiria logo a seguir nas montanhas de Chiapas.

A Secretaria do Governo ameaçava acusá-lo de infringir a constituição se «interviesse em assuntos internos». Naquela altura estava na moda expulsar ativistas europeus de Chiapas. O Instituto Nacional de Migração (INM) e os meios de comunicação acabavam de expulsar de Chenalhó, e do México, o veterano pastor francês Michel Chanteau. A matança de Acteal estava fresca, havia acontecido menos de três meses antes, e a indignação mundial era intensa, tal como a retórica do governo zedilhista, acusado de matanças (houve mais de uma), e a contra-insurgência.

No balcão da imigração do aeroporto da Cidade do México, no dia 7 de março daquele ano, na hora de colocar à prova o governo, Saramago reiterou que iria a Chiapas «porque é meu direito e minha obrigação».

Durante toda a sua visita ao país teve colada a si a Secretaria do Governo e os Serviços de Inteligência. Longe de o atemorizar, o assédio deu mais solidez à sua atitude e estatura moral. Era um velho militante de esquerda, comunista heterodoxo. Ainda não lhe tinham dado o Nobel mas havia escrito uma série de romances extraordinários e já era chamado de José, nada mais, como o personagem da sua então mais recente criação, *Todos os Nomes*.

Ao longo da uma semana expressou publicamente o que quis, e no dia 14 de março ele e Pilar chegaram a Chiapas na companhia de Carlos Monsiváis, Ofelia Medina, Juan Bañuelos e do seu editor Sealtiel Alatriste, e visitaram as comunidades na manhã seguinte. Na entrada de Chenalhó o romancista foi detido e interrogado com rigor por um bloqueio da imigração, e em seguida por outro do Exército, aos quais o escritor não ocultou a sua irritação, se não era indignação. Em Majomut entrou na base militar que sitiava os oito acampamentos de refugiados de Polhó e confrontou o comando, sem obter uma explicação convincente para o cerco montado aos civis zapatistas, que não eram agressores mas que fugiam dos ataques de grupos paramilitares.

A crónica do *La Jornada* registou que Saramago havia levado consigo uma montanha de Chiapas.

«Uma pequena montanha que cabe no bolso das suas calças, idêntica à serra escarpada dos Altos, esta terra dos tsotsiles. Nascida delas, a rocha que o escritor recolheu do chão de Acteal pesa na sua mão como um século, como uma vida toda. Mais tarde, ao dar início ao regresso a San Cristobal de Las Casas, mostrou-a com triste orgulho a Pilar. "Olha", diz-lhe, "recolhi uma pedra".
Tem o costume de apanhar pedras dos lugares que visita. Não de todos, assegura: não diz de quais. Levanta contra a luz da tarde o pedaço de solo basáltico, piramidal, com a base apoiada na palma da mão, aperta a vista e fica em silêncio. Talvez sem querer, demonstra reverência.
Inundam-no as coisas que viu, as vozes que ouviu, as pessoas que acaba de conhecer para sempre no município autónomo de San Pedro Polhó. Percorreu o acampamento de sobreviventes de Acteal, os acampamentos de deslocados de Polhó, entrou sem pedir permissão na base militar de Majomut e, acima de tudo, escutou». (*La Jornada*, 16 de março de 1998).

Visitou sem pressa os deslocados zapatistas, conversou com os sobreviventes de Las Abejas em Acteal e com os conselhos autónomos de Polhó. Indignou-se e chorou, emocionou-se ao ver a resistência dos indígenas. Comprometeu-se com eles a levar a sua voz aonde fosse possível. Homem de palavras, sempre cumpriu com esse compromisso.

Seguindo os seus passos, ainda que com total discrição, a escritora norte-americana Susan Sontag realizou o mesmo percurso uma semana depois. O pó levantado por Saramago continuava no ar, havia submetido o Governo em cumprimento do seu dever, consciente de ter uma voz, de ser escutado no mundo todo, e assumindo-se como ferramenta para a luta zapatista.

Caminhando pelas colina de Chenalhó, Sontag deteve-se um momento e deixou de fazer perguntas para dizer:

«Saramago é um homem de sorte. Quando parecia que a sua vida profissional tinha acabado, já mais velho, começou a escrever uns livros maravilhosos, conheceu o amor da sua vida, uma mulher belíssima que ama, hoje é o melhor romancista do mundo, e está disposto a dizer a verdade.»

Como ela mesma diria em Jerusalém, fazendo uso da liberdade comprometida que, a seu modo, compartilhava com o autor português: «O principal trabalho de um escritor não é ter opiniões, mas dizer a verdade, e recusar-se a ser cúmplice de mentiras e desinformações».

Saramago voltou a Chiapas para se encontrar em Oventic com o comandante David e outros comandantes zapatistas. E em 2001, durante a Marcha da Cor da Terra finalmente coincidiu com o subcomandante Marcos, com quem há longa data mantinha uma conversa política, literária e intelectual. Acompanhou ao Zócalo os zapatistas, que foram recebidos por cerca de um milhão de pessoas, na maior concentração da história, até então, na Plaza Mayor.

Em 2002 participou num encontro zapatista em Aguascalientes de Madrid, ao lado de Manu Chao, Manuel Vázquez Montalbán e Fernando León de Aranoa, e uma vez mais colocou a sua palavra, o seu apoio e o seu prestígio ao serviço da luta indígena.

Desde o primeiro contato que teve com os rebeldes das montanhas soube o que tinha de fazer. Obrigado em 1997 a parafrasear o seu poema-romance de antecipação *O Ano de 1993*, Saramago disse ter encontrado aqui «a guerra do desprezo». E explicava: «Não imaginei em 1975, quando escrevi esse poema longo, que viria a encontrar em vida, concretamente, com diferenças e semelhanças, uma situação tão igual como a que vi aqui».

Acrescentou que «só para quem não quer ver nem entender as coisa» oculta-se o facto de que «o Exército e os paramilitares são unha e carne juntas»: Era testemunha, não lhe contaram. «Se assim não fosse, os paramilitares não poderiam ter feito que fizeram e o que continuam a fazer. Poucos minutos depois de terem deixado Acteal houve um acto de intimidação e fizeram não um nem dois, mas 30 disparos que, por sorte, foram para o ar».

Através da sua atitude extremamente humana, José Saramago estabeleceu com o México dos de baixo uma relação notável e duradoura.

## 3.
## ATENÇÃO É AÇÃO

O contexto daquela visita ao México em 1998 incluiu um evento literário convocado por Carlos Fuentes, que contou com as presenças de Juan Goytisolo, Nadine Gordimer, J. M. Coetzee e Susan Sontag. Todos eles partilhavam a sua simpatia (ou curiosidade, pelo menos) pelos rebeldes de Chiapas, mas só Saramago trazia a determinação de se encontrar com eles.

Durante a sua viagem a Chiapas, Saramago admitiu que às vezes sentia o peso da responsabilidade, mas era consciente do poder da opinião que partilhava com um punhado de autores conhecidos. Citou os nomes já aqui mencionados, acrescentou os de Günther Grass e Gabriel García Márquez, e disse mais ou menos o seguinte: «Temos um peso moral que é necessário neste mundo. As nossas vozes, sobretudo juntas, devem servir para chamar a atenção, defender os desprotegidos e possibilitar a justiça onde ela não existir.»

Ao escrever sobre a sul-africana Nadine Gordimer, Sontag defendia a «razão moral do romancista». E, quanto ao que deve fazer um escritor, propunha: «Amar as palavras, agonizar em cada frase, e colocar a sua atenção no mundo.»

Embora não tenha passado tanto tempo, todos os mencionados, salvo Coetzee, faleceram. Pergunto-me, nesta era de solidão e exibicionismo desatados, se por acaso contamos com um arsenal de romancistas deste calibre para se fazer escutar. Temo que não. Seguimos órfãos, não fomos capazes de repor essas ausências, mas ao menos conservamos frescas e vivas as vozes valentes e as ações exemplares de esses Saramagos de urgente memória.

# FAZ 20 ANOS

**Sealtiel Alatriste**

## UM

Por curioso que possa parecer, aquele ano começou em março e terminou em outubro. Ou seja, foi um ano prematuro, com sete meses. Os meses que lhe sobraram pertencem a outro tempo, a um antes e um depois do meu encontro com José Saramago e a sua mulher, Pilar del Río. Tinha-os conhecido brevemente no ano anterior, na Feira do Livro de Frankfurt. Conhecido é um modo de dizer, tínhamos coincidido no stand da Alfaguara e conversado um pouco, o suficiente, no entanto, para combinarmos que no ano seguinte viriam ao México apresentar o romance que ele acabava de terminar, *Todos os Nomes*. Tinha falado antes por telefone com a Pilar, numa viagem que fiz a Lisboa porque havia lido *O ano da morte de Ricardo Reis*, um dos livros que mais me comoveram na vida, e telefonei para a casa de José porque queria conhecê-lo. Ele não estava e contei-lhe, a ela, o que me tinha acontecido ao ler o livro, o descobrimento tanto de José como da alma de Fernando Pessoa, como aconteceu com milhares de leitores, ao mesmo tempo que conhecia a cidade.

Uniu-nos uma curiosa coincidência: Pilar tinha lido o mesmo livro quando viajou pela primeira vez a Lisboa. Ou pelo menos assim recordo que me disse, embora, como para tantas coisas, a minha memória tenha a tendência de organizar-se como melhor lhe convém – a ela e a mim. Enfim, falei com a Pilar e um ano depois encontrámo-nos em Frankfurt, com a enorme surpresa de que me tornaria o editor mexicano de um dos autores que entraram de forma mais profunda na minha alma e que a puseram do avesso, como uma meia que se estende ao sol.
Meses depois, quando combinámos os detalhes da viagem, José arrancou-me uma promessa: «Vou ao México», disse-me, «apresentar o livro e participar num colóquio que Carlos Fuentes organiza, mas tens de me prometer que iremos ter com os zapatistas em Acteal». Eu estava ali para lhe prometer isso e qualquer coisa mais que me pedisse, e combinámos que viajaria a por volta do meio de março. Por isso, aquele ano de 1998, esse meu ano prematuro, começou com a chegada da primavera.

## DOIS

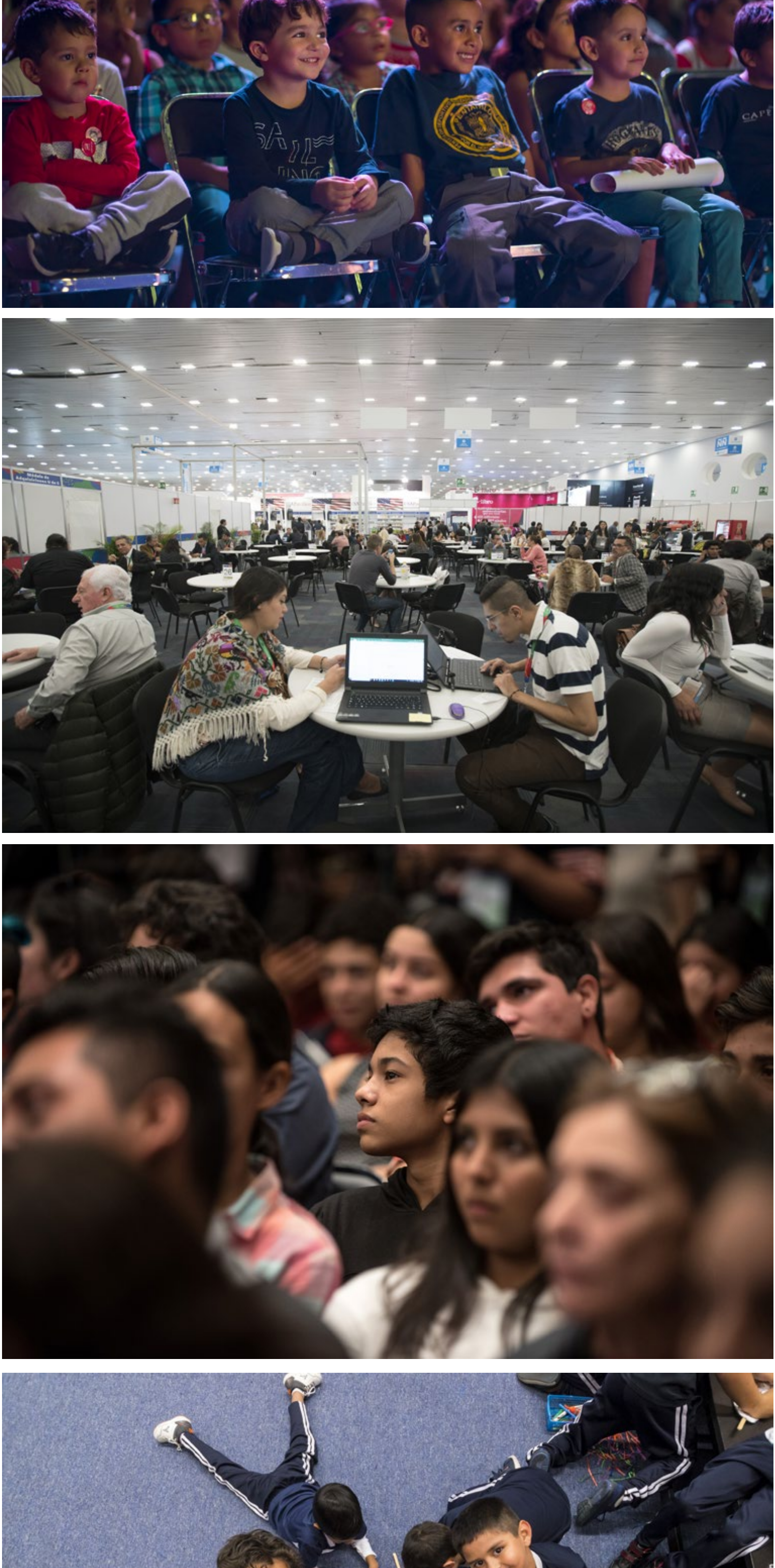
Dificilmente se pode chamar aquilo de aldeia, é um conjunto de casas entre um pequeno vale rodeadas de uma paisagem exuberante, de constantes nevoeiros entre muito verde e sol. É a esplêndida paisagem que rodeia Acteal. Estávamos ali por vontade de Saramago, três meses depois de um grupo paramilitar ter produzido uma matança que até hoje envergonha os mexicanos. Havia pedido a Carlos Monsiváis que me ajudasse a organizar a viagem para que José pudesse perceber o que acontece no paradoxal Estado de Chiapas – o mais rico em recursos naturais da República Mexicana, mas onde as pessoas vivem de forma mais pobre no país – e lá fomos nós, numa sexta-feira quente do mês de março, descobrir o México profundo.
Chegámos a San Cristóbal de las Casas no momento em que, numa das igrejas, se realizava uma mesa-redonda para analisar a situação local. Ao perceberem que Saramago tinha chegado convidaram-no a dizer algo. Presenciei então algo que se repetiria durante toda a semana: enquanto José caminhava até ao púlpito, um rumor de alegria começou espalhar-se, quente, como uma onda de sol, e converteu-se num aplauso de boas-vindas. Saramago chegou onde estavam Samuel Ruiz, Monsiváis e Gonzalo Ituarte e disse as suas primeiras palavras em solo de Chiapas, as primeiras e mais importantes que disse no México: «Venho colocar as minhas palavras às vossas ordens». Referia-se ao poder das suas palavras, dessas palavras que o haviam convertido num dos melhores escritores do nosso tempo, as palavras pelas quais tinha recebido o primeiro Prémio Nobel concedido à língua portuguesa.

No dia seguinte, com Hermann Bellinghausen e Carlos Monsiváis como guias, seguidos por uma caravana de jornalistas, partimos para Acteal. Durante o jantar, Gonzalo Ituarte e vários jovens explicaram-nos a origem do massacre: no dia 22 de dezembro um grupo de paramilitares cercara a vila de Acteal desde cedo e, escondidos no mato, começaram a disparar para o ar. Queriam, talvez, amedrontar os zapatistas e fazer com que a agressão parecesse uma disputa entre facções indígenas, já que Acteal era formada por uma espécie de reunião de palhotas distintas. O lugar ideal, devem ter pensado, para encobrir um assassinato. Mas alguém avisou o vicariato e Gonzalo, assim que começaram os disparos, percebeu o que estava a ser preparado. Comunicaram com o governador ou com um colaborador do governo. Infelizmente, esse funcionário estava em conluio com os agressores e não foi possível evitar o massacre, nem a infâmia que caiu sobre o governo, o de Chiapas e o da República Mexicana. A descrição do ocorrido tinha-nos deprimido, enfurecido, mas não se aproximava do que vimos em Acteal, do que nos contaram os seus moradores.

Recordo que a nossa chegada esteve envolvida por um estranho silêncio. Talvez não tenha sido assim, mas parece-me que não falámos, que vimos passar a paisagem em silêncio pela janela da carrinha, que só o vento assobiava e que o torpor estava estacionado sobre o acampamento. Depois de nos identificarmos, os lideres zapatistas deixaram-nos ver o lugar exato da chacina. Descemos por uma ladeira, novamente em silêncio, vendo como crescia diante dos nossos olhos uma pequena planície de casebres: sete ou oito cabanas, um alpendre, uma igreja e uma parede onde, ao pé, estavam enterradas as vítimas. Saramago tinha o olhar escondido por um gesto austero e a beleza de Pilar não podia evitar a sua melancolia. O silêncio, a solenidade, entrelaçavam-se com a nossa angústia e, como aprendemos depois, com a dignidade e honestidade da comunidade zapatista. Vimos as crianças sobreviventes, as feridas cicatrizadas nos seus pequenos corpos, falámos com os poucos adultos que conseguiram escapar das balas e descobrimos que quando os paramilitares cercaram os casebres, eles, os moradores, rezavam na igreja.

«Não se movam», disse o sacerdote quando escutou os disparos, «que nos matem juntos». Disse isso, contaram-nos. Passado um tempo saíram todos da igreja, juntos, e juntos foram para uma valeta imaginando que ali estariam mais seguros. Mas ali, rezando, foram caçados. Não há outra expressão para descrever o que lhes foi feito: foram caçados. Haviam passado várias horas, os disparos não dispersaram as pessoas e os agressores começaram a atirar, como se fossem um punhado de animais, em direção às pessoas reunidas ao redor do sacerdote. Mataram mais de quarenta, não importa o número, ainda que só tivessem ferido alguns: foi um ataque vergonhoso contra inocentes que rezavam. Era uma imagem insuportável. Monsiváis afastou-se do grupo e começou a chorar. «Quase nunca choro», disse-me com a voz entrecortada, «mas não paro de pensar no sacerdote que pede que morram todos juntos». Eu também chorava, lembrei-me da madrugada de 3 de outubro de 1968, quando soubemos que o presidente Díaz tinha dado ordem para matar os estudantes reunidos na Plaza de Santiago Tlatelolco. Chorava e não conseguia tirar da cabeça a lembrança do dia em que voltámos às aulas e descobrimos que várias carteiras estavam vazias: era o vazio que os mortos nos deixavam. A minha geração teve de carregar durante 50 anos o enorme peso desse vazio. E agora tinha de carregar com o vazio dos mortos de Acteal. Saramago cobriu o rosto. Não era religioso, mas parecia pedir clemência, clemência por uma gente que o único que queria era viver dignamente, que só queriam a dignidade de viver em paz. Antes de receber o Nobel, Saramago disse que Chiapas era a «representação do mundo». À pergunta de porquê, respondeu: «Porque ali está representada a nossa esperança.» Porque ali também, pensei eu, está a cifra da nossa infâmia. Porque em Chiapas esteve em jogo o nosso destino e a possibilidade de que a dignidade humana tivesse uma oportunidade. Quando Saramago recebeu o Nobel recordei o rosto dos indígenas que nos contaram o que aconteceu em Acteal, o seu gesto nobre e severo ao escutá-los, as lágrimas de Monsiváis, o meu próprio pranto e a angústia com que intuí que novas chacinas poderiam acontecer. Alguém era capaz de prever que 20 anos depois o país estaria submerso numa onda de violência que cobra, a cada hora, quatro vítimas?

**Feira Internacional do Livro de Guadalajara**



## TRÊS

Em outubro daquele ano a edição de Todos os Nomes era um êxito rotundo no mundo todo, eu e Juan Cruz (que então dirigíamos o que chamávamos de Alfaguara Global, ele em Madrid e eu na Cidade do México) pensávamos que José Saramago tinha uma boa chance de se tornar Prémio Nobel. No pavilhão da Feira de Frankfurt, Dario Fo, que havia recebido o galardão no ano anterior, encontrou-se com José no corredor e disse-lhe, obviamente em italiano: «Perdão por ter ganho o teu Nobel.» Todo o mundo sabia que em algum momento, naquele ano, no seguinte, muito em breve, lhe seria atribuído o prémio e nós acreditávamos que os membros do júri se reuniriam naquela noite. Encontrámo-nos com Saramago e fomos almoçar salsichas. «Hoje de noite», disse-nos com aquela voz inigualável que tinha, «participo num colóquio com outros escritores portugueses cujo tema é Por que sou comunista». Alguém que estava conosco, de cujo rosto não me recordo, mas sim da pergunta que fez, olhou-o com assombro. «Quantos escritores participam?», perguntou. «Cinco», respondeu José. «Isso é um milagre», comentou o interlocutor, «não creio que em Espanha encontremos um, nem digo escritor senão comunista de qualquer ofício». Saramago fulminou-o com um olhar que ardia atrás das lentes dos óculos. Não disse nada, mas triturou-o. Na minha mente e na de Juan uma pergunta flutuava: «A Academia Sueca, com a fama que tem, seria capaz de premiar um escritor que naquela mesma noite se declarava comunista?».

Sim, foram capazes, e por isso, no dia seguinte, quando soube da notícia pensei que o prémio lhe fora concedido por duas coisas: pela sua enorme literatura e pela inquebrável congruência das suas idéias. Não vou narrar como foi aquele dia, suponho que todo o mundo saiba que José soube do Nobel na porta do avião que estava prestes a levá-lo de Frankurt, soube por uma hospedeira. Voltou à Feira. No stand da Alfaguara, eu e Juan Cruz esperávamo-lo rodeados por uma montanha de jornalistas. Ao ver tanta gente pensei que nunca deixaria que o José chegasse ao stand e não sei como tive a ideia de fingir que recebia uma ligação no telemóvel e dizer a alguns jornalistas, que estavam ao meu lado, que acabavam de me avisar que Saramago chegaria por outra porta para que ninguém o visse, que viessem comigo, mas que por favor não dissessem a mais ninguém. Muito obedientes, imediatamente contaram a todos os jornalistas e fomos esperar José numa outra porta pela qual não chegou. A horda de jornalistas viu-o chegar por outro lado e quando quiseram abordá-lo ele já estava no stand. E assim, com esse despiste digno dos filmes do Bucha e Estica, terminou o ano de 1998, quando o outono já era dono da cidade, trazendo-nos a felicidade de saber que José Saramago era o flamejante Nobel daquele ano, o primeiro de língua portuguesa.

## QUATRO

Quem tiver ouvido algo sobre a *Carta dos deveres e obrigações dos seres humanos* saberá que a sua origem está no brinde que José Saramago fez no dia da entrega do Prémio Nobel. Preocupado com o rumo que a história tomava, Saramago percebia que era necessário construir um dique que contivesse a libertinagem, o arbítrio, a falta de razão a que os acontecimentos pareciam estar atrelados, e eram os cidadãos, os verdadeiros responsáveis da história, quem deveriam tomar as rédeas do mundo e estabelecer essas barreiras, apontando os deveres que cabiam a cada pessoa. Dou fé de que enquanto todo o mundo falava em defender direitos Saramago deu-se conta de que nessa confusão nos tínhamos esquecido de algo essencial: reclamar os nossos direitos implica assumir os deveres correspondentes, a sua necessária contrapartida. Como todos os brindes, era a manifestação de um bom desejo para a humanidade. Faltava colocá-la em prática.

Tinha a sorte de me ter tornado amigo de José Saramago e, se me permitem, um amigo próximo, não só seu editor no México, senão alguém com quem podia partilhar alguns desejos. E ainda que não estivesse presente, sempre fiquei com a ideia de que, ao propor o brinde, ele estava a pensar nos homens e mulheres e crianças sobreviventes de Acteal, cujos direitos foram atropelados por um grupo de paramilitares que se sentia no direito de os odiar. Se a humanidade queria evitar atos como aquele era necessário criar uma Carta de Deveres e Obrigações que contivesse o ímpeto destrutivo de pessoas como as que perpetraram aquela matança.
Poucos anos depois da visita a Acteal, mudei-me para Barcelona e pude ver José Saramago todas as vezes em que ele visitou a cidade. Passou um mês em minha casa depois de ser operado à vista numa clínica e ter que estar imóvel o dia todo. As conversas que tivemos durante os jantares daquele mês são inesquecíveis, não só porque contou como terminaria o romance que naquela altura estava a escrever, mas porque pude ver de perto o profundo compromisso moral, a sua inquebrantável fé na amizade e no amor. Não eram conversas sérias, falávamos sobre os acontecimentos de cada dia, o quanto gostava de pão torrado com azeite, das memórias de infância que tínhamos. Com Pilar e Edna Rivera, minha mulher, conversávamos sobre o que líamos nos jornais. Numa ocasião veio à tona o brinde que fizera na Suécia e a necessidade de convocar um grupo de cidadãos que desse início ao processo da Carta. Entusiasmado com a ideia e com o desejo de partilhar os seus ideais e estar ao seu lado, prometi que o ajudaria em tudo o que pudesse, mas nem o tempo, nem a nossa posição, nem a vida nos ajudou a empreender aquela aventura que teria dado sentido final à nossa amizade.

Anos depois, eu já estava de volta ao México e José morreu deixando um profundo vazio naqueles que o conhecíamos. Eu tinha sido nomeado Coordenador de Difusão Cultural da UNAM (Universidade Nacional Autónoma do México) e senti que a sua morte – que por uma infeliz coincidência aconteceu um dia depois da de Monsiváis, com quem estivemos em Acteal – me deixava uma dívida que só fui capaz de entender quando, um tempo depois, Pilar del Río nos visitou e me lembrou da promessa que tinha feito num dos nossos jantares catalães: dar forma à carta dos deveres. Comentei com o Reitor, Dr. José Narro Robles, que imediatamente compreendeu a importância de concretizar o projeto e pediu uma reunião com Pilar, que lhe explicou o que pensava sobre o assunto e esclareceu que a intenção de Saramago era que a cidadania fosse quem desse início aos trabalhos para criar a Carta. Pouco depois, o Reitor chamou Julio Millan, presidente da World Future Society (WFS) no México, e decidiu-se que as três instituições, Fundação José Saramago, UNAM e WFS, acolhessem o interesse dos cidadãos para dar forma à desejada Carta. Estávamos em novembro de 2011, pouco antes da FIL, Feira que José Saramago visitava frequentemente. Não foi fácil organizar os trabalhos, era necessária a participação de muitas pessoas, muito entusiasmo e sabedoria. Não posso nomear todos, mas queria dizer que além do grupo inicial – José Narro, Pilar del Río, Julio Millán, Enrique Balp e eu –, sem a sabedoria de José Ramón Cossío e o apoio incondicional do Dr. Enrique Graue, que substituiu o Dr. Narro na Reitoria da UNAM, nunca teríamos terminado a Carta.

Há pouco mais de um ano, finalmente, na Fundação José Saramago colocámos ponto final no projeto que chamámos de *Carta Universal dos Deveres e Obrigações* e no mês de maio uma comissão entregou o documento ao Secretário-Geral da ONU, de maneira que a nossa Carta, aquele antigo sonho de José Saramago, deu início, como Dom Quixote, à sua andança pelo mundo. Não posso ocultar a alegria de ter chegado a esse ponto, sinto que não somente cumpri a promessa que fiz a uma das pessoas mais valiosas que conheci na vida, senão que verdadeiramente começamos uma das aventuras mais emocionantes dos nossos tempos - como o próprio Saramago me advertiu num dos nossos jantares catalães -, da que me sinto afortunado por fazer parte.

A Casa da Andreia

# Atraso

Andreia Zamorano

Ouvi as pancadas retumbando. Corri empurrando a porta com as duas mãos. Usei o ombro, fiz o que pude tentando impedir a entrada. Se ao menos alcançasse uma mesa, um armário, melhor mesmo teria sido um frigorífico. As batidas tornaram-se mais veementes, pontapeavam a porta. Encostei o meu corpo num malogrado esforço, a porta estremecia flácida. Então apertei os olhos por milésimos de segundos, pensei nos cabeçalhos dos jornais, nas palavras ocas dos vendedores de notícias, nas mentiras que se alastravam pelas redes: “Vão soltar o ladrão!” Alguém gritou do outro lado da porta. “Não vão!” Responderam de volta. “Vão!” Berraram em um quase uníssono. Agarrei-me o mais que pude à frágil porta, braços e pernas esticados no umbral em combate contra uma pujança que desconhecia. De onde surgiram as vozes? Teria sido eu a convocá-las? Não fui. Fui sim. Foi sem querer, só pode. Não pode não... Abri os olhos bem abertos e ouvi as gargalhadas transfiguradas numa enchente caudalosa que arrastava tudo no caminho da sua rudeza enquanto se precipitava sobre a porta. Então me lembrei de também me ter rido despreocupada com as vozes inclementes quando elas ecoavam de cima para baixo. Aquelas mesma vozes tomaram a multidão, a porta passou a pesar uma tonelada. Precisava que um meteorito atingisse o planeta e todos os dinossauros, sem exceção, fossem dizimados. A pobre porta perseverara em silêncio abafando as vozes que ninguém quis ouvir, não suportava mais tantas bestas. Os monstros não deveriam ser outra vez a civilização. Adivinhava-se uma batalha fadigosa e estéril. Eu só desejava forças e a surdez absoluta.

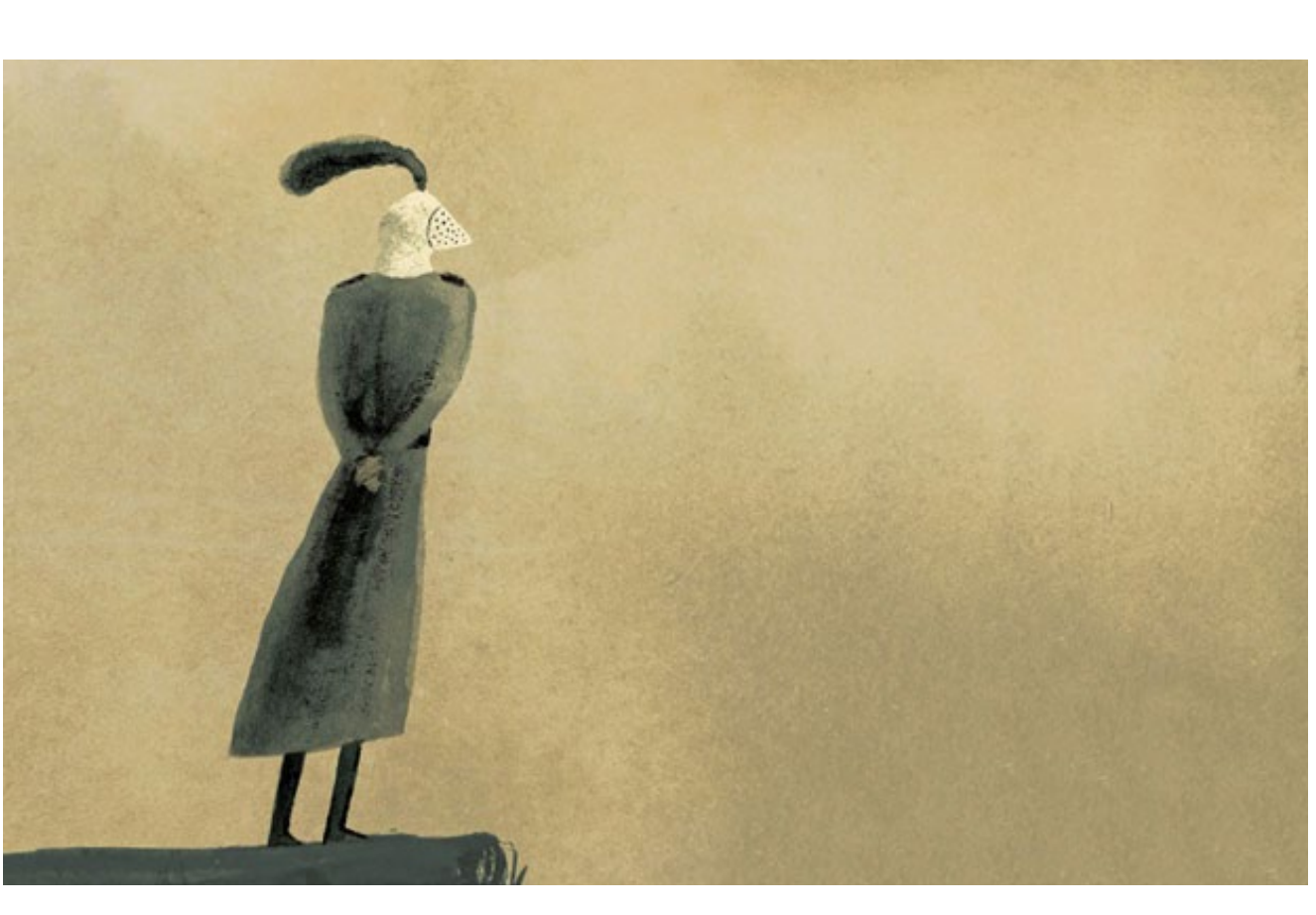
# Realidade na literatura infantil

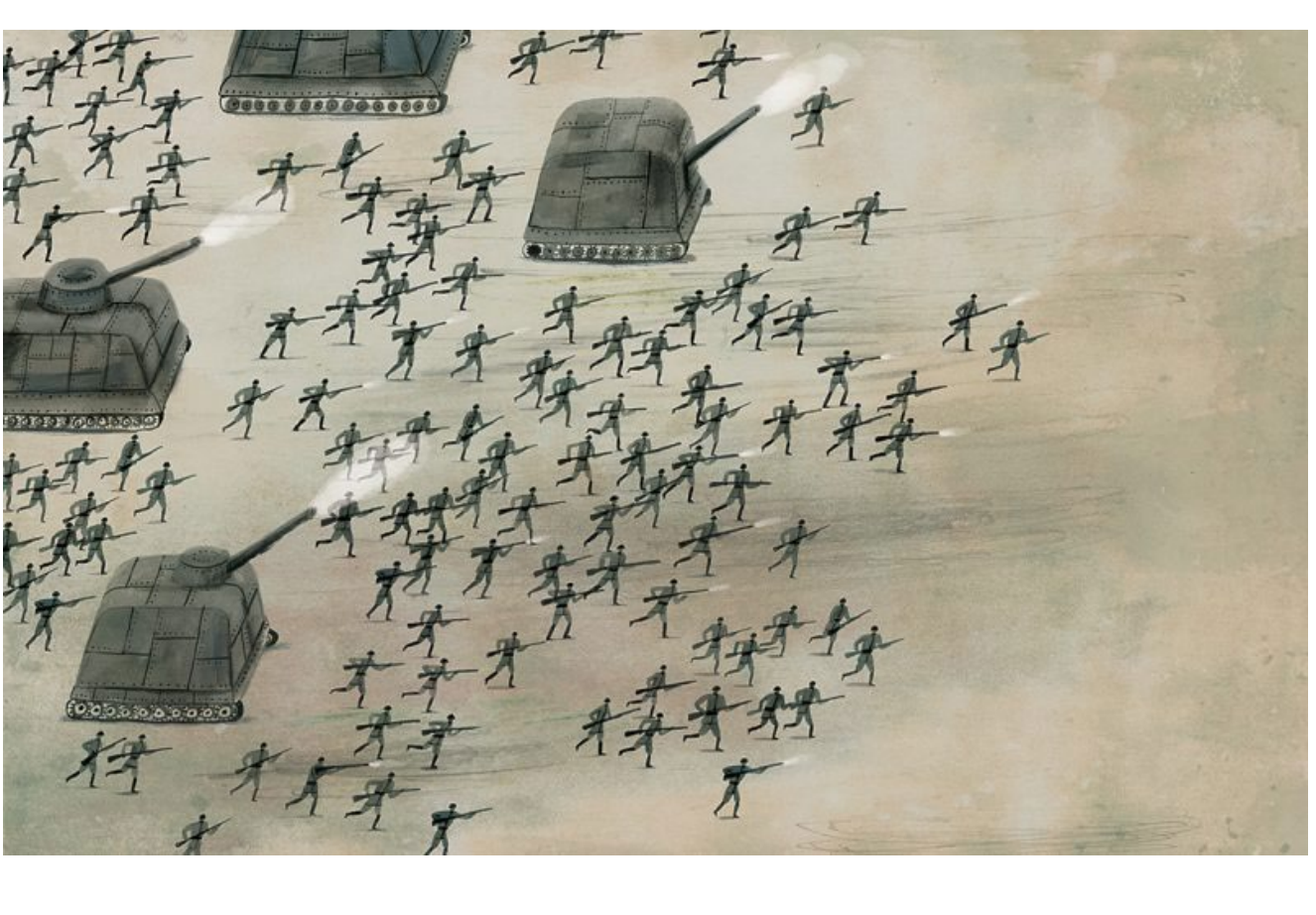
**Andreia Brites**

**Não é que a literatura infantil não se faça a partir da realidade. Parábolas, metáforas, imagens são frequentes no tratamento de temas como a relação e aceitação do outro, por exemplo. Essa tradição remonta às fábulas e aos contos morais. O que 2018 trouxe foi uma abordagem mais crua a assuntos naturalmente sensíveis como a guerra, a doença ou as migrações. E mais um contributo paradigmático para a diversidade de representação.**

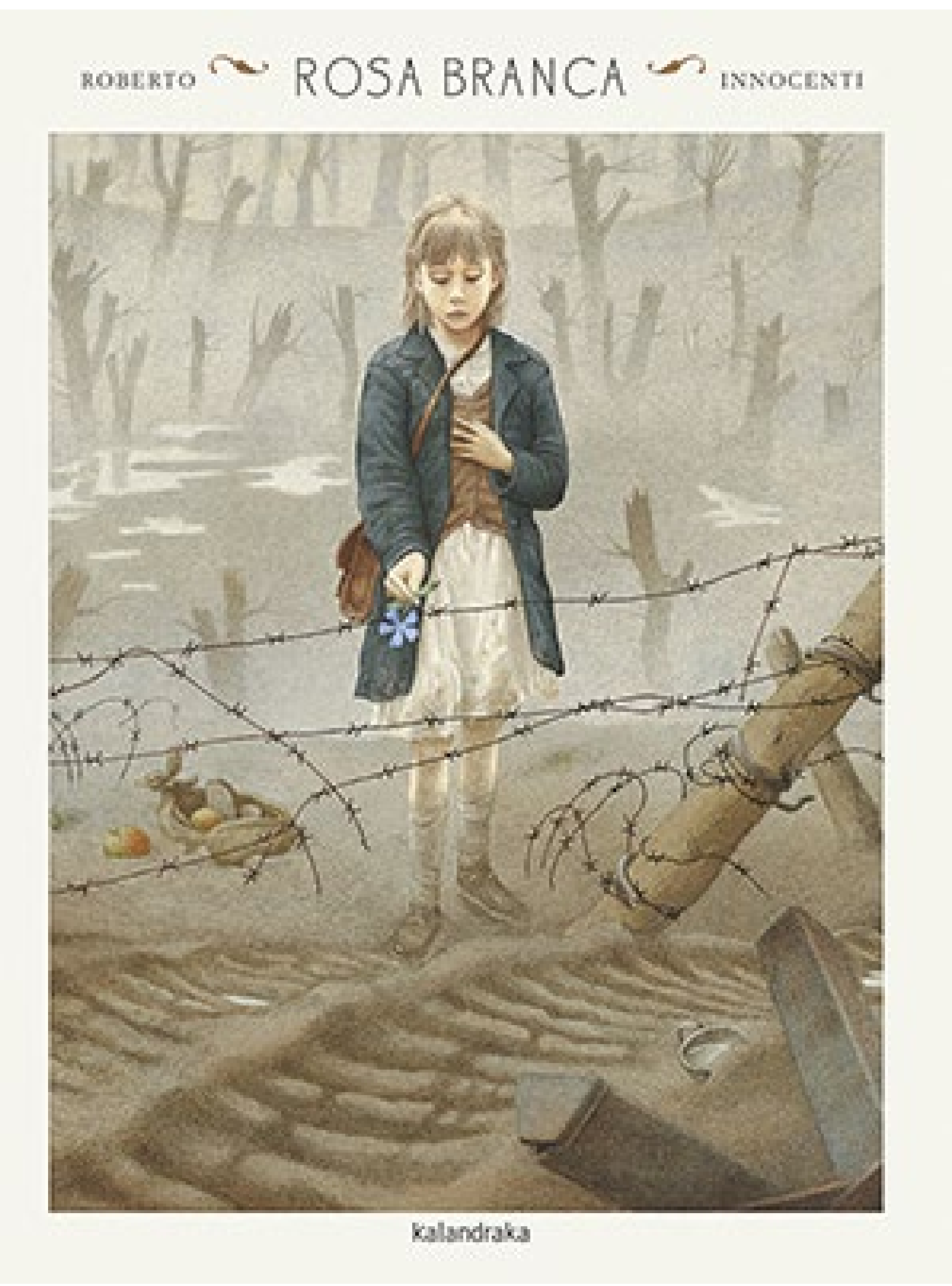
## Guerra e migrações

***A Guerra*** (Pato Lógico, André Letria e José Jorge Letria) foi um dos livros do ano. O seu impacto internacional veio reforçar a qualidade e arrojo da abordagem ao tema, também ele muitas vezes tratado através de parábolas. Aqui, a guerra é um animal que se apropria e expande, um verme, uma ave predadora e mordaz, um insecto dissimulado e usurpador; é uma mancha de cor nebulosa, escura, parda, pesada. A guerra é, neste álbum, imagens e símbolos de guerra: aviões, armamento, fábricas que recordam os campos de trabalho forçado, armaduras, bombas aéreas, destroços, corpos, vazio. Também a memória e a história são trazidas para a ilustração, para que esta guerra não se perca no abstracto. O texto anafórico podia multiplicar-se noutras figuras mas não ganharia mais força. Ao contrário, a concisão poética reforça o mal absoluto da guerra. No final sintetiza-se com impacto o diálogo entre os dois discursos, textual e visual: o silêncio insuportável com que se fecha ao leitor e o deixa, no mínimo, em desconforto. Esta guerra, como todas, não tem um final feliz. E finalmente acontece num álbum infantil.

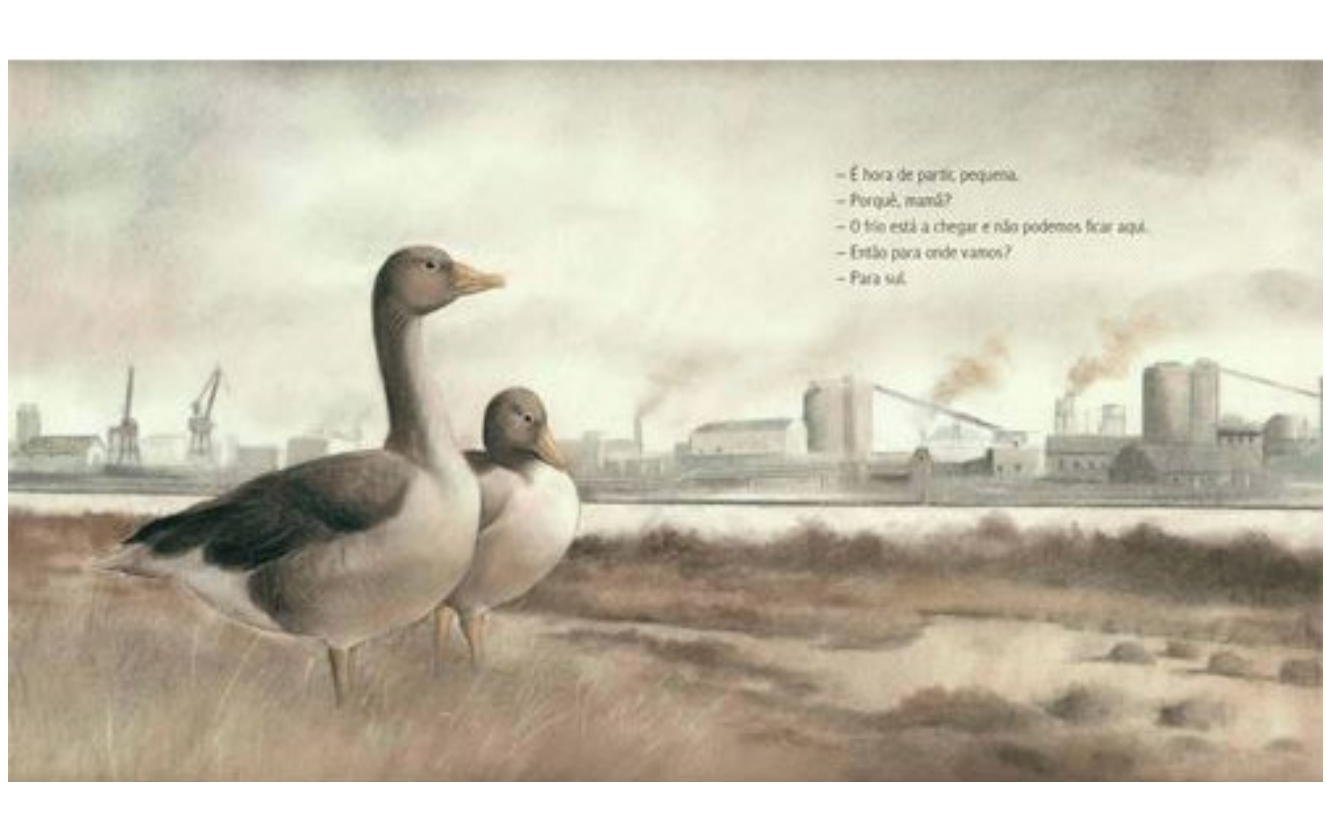


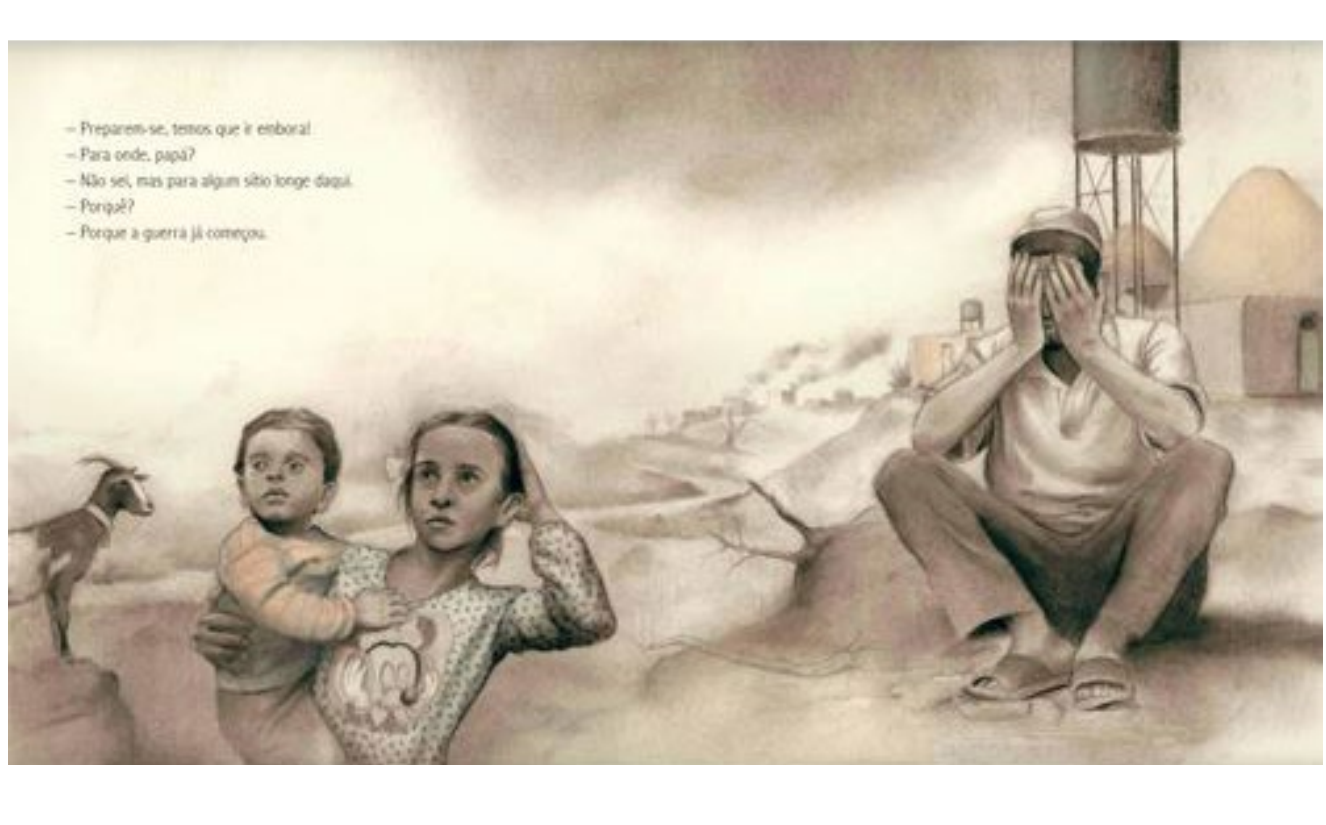


Com uma dureza mais realista regressa Roberto Innocenti, com ***Rosa Branca*** (Kalandraka). Desta feita a 2.ª Guerra Mundial e o Holocausto são narrados por uma menina alemã. Apesar de o livro ter sido publicado originalmente em 1985, chega a Portugal numa altura em que os extremismos se reacendem na Europa. Rosa é uma menina alemã que vive numa pequena cidade onde o dia a dia é marcado pela presença das forças militares. O regime de opressão caminha a par com a sua curiosidade e um dia a menina descobre um campo de concentração, nunca nomeado. A narrativa termina com a debandada da população alemã da cidade, presumindo-se que no fim de guerra, quando os países vencedores tomam o país. O que acontece fica implícito e nesse vazio de texto e ilustração o leitor sente um impacto maior. Toda a retórica do texto é assim: simples, factual, linear. E pouco ou nada detalhada ou explicativa. O estilo hiper-realista da ilustração de Innocenti acrescenta informações paralelas nos uniformes com a suástica ou nas roupas às riscas dos meninos do campo que Rosa descobre. Mas também não viola o mistério do desenlace. E este nada tem de bom.

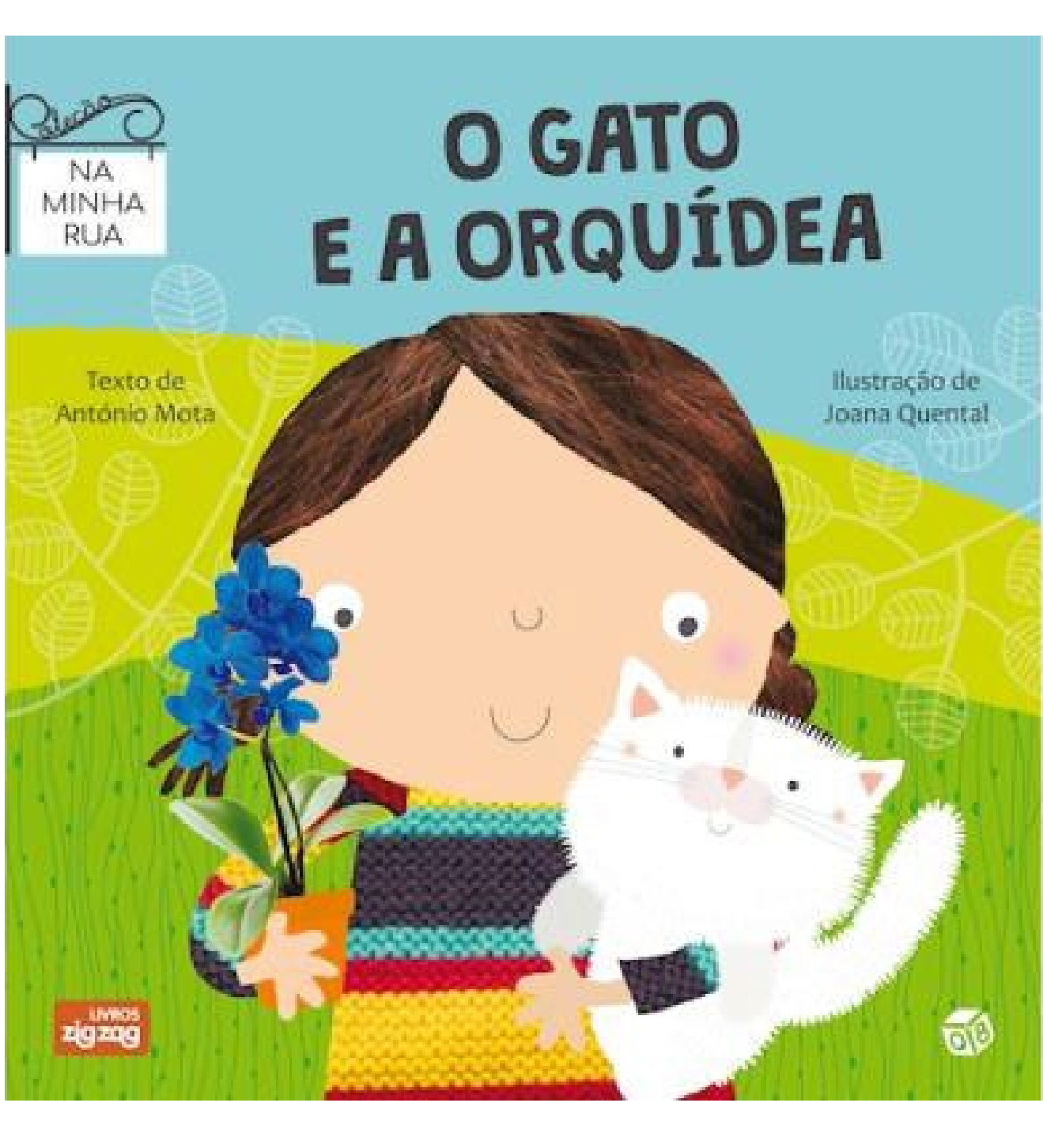


A guerra também é razão comum para a migração em dois livros publicados este ano. Em ***A Viagem*** (Fábula), Francesca Sanna acompanha o périplo de uma família de uma mãe e dois filhos em fuga do país em guerra, onde já perderam o pai. O abandono da casa, com o detalhe visual do animal de estimação que fica para trás, a mudança sucessiva de transporte e a perda dos bens são parte do processo. Outro momento dramático é o do sono das crianças, envoltas pelos longos cabelos da mãe, como uma capa protetora, enquanto esta chora, escondidos que estão dos guardas que os procuram junto da fronteira. À necessidade de pagar a traficantes que os ajudam a atravessar junta-se a viagem de barco e finalmente o comboio que os levará a um destino melhor. Intencionalmente, o livro acaba antes da chegada ao destino. Numa nota final, a autora explica a origem e intenção da obra como testemunho das histórias pessoais dos milhares de migrantes que há anos tentam fugir de várias catástrofes, a maior das quais a guerra. Ambos os álbuns têm em comum algumas referências à origem cultural das duas famílias, recorrendo para isso ao vestuário. Outro elemento comum é o facto de em ambas as famílias só estar presente um dos pais. ***Uma longa viagem*** de Daniel H. Chambers e Federico Delicado (Kalandraka) estabelece um paralelo entre duas migrações: a de uma família de gansos – mãe e filha – e uma família de pessoas – um pai, uma filha e um filho. Enquanto os primeiros voam para sul ao encontro do calor, os segundos caminham para norte, fugindo da guerra. Aqui, descrevem-se as agruras do cansaço, do frio e das dores nos pés. Acrescem as ameaças que um lince representa, de forma literal para os gansos e figurada para as pessoas. Há quem seja solidário, há quem tente lucrar com a desgraça de outrém. Novamente o mar, novamente a travessia. E o final, desconcertante e realista. Tal como as imagens que diariamente chegam ao conforto das casas dos países de que não é preciso, ainda, fugir.


– É hora de partir, pequena.
– Porquê, mamã?
– O frio está a chegar e não podemos ficar aqui.
– Então para onde vamos?
– Para sul.

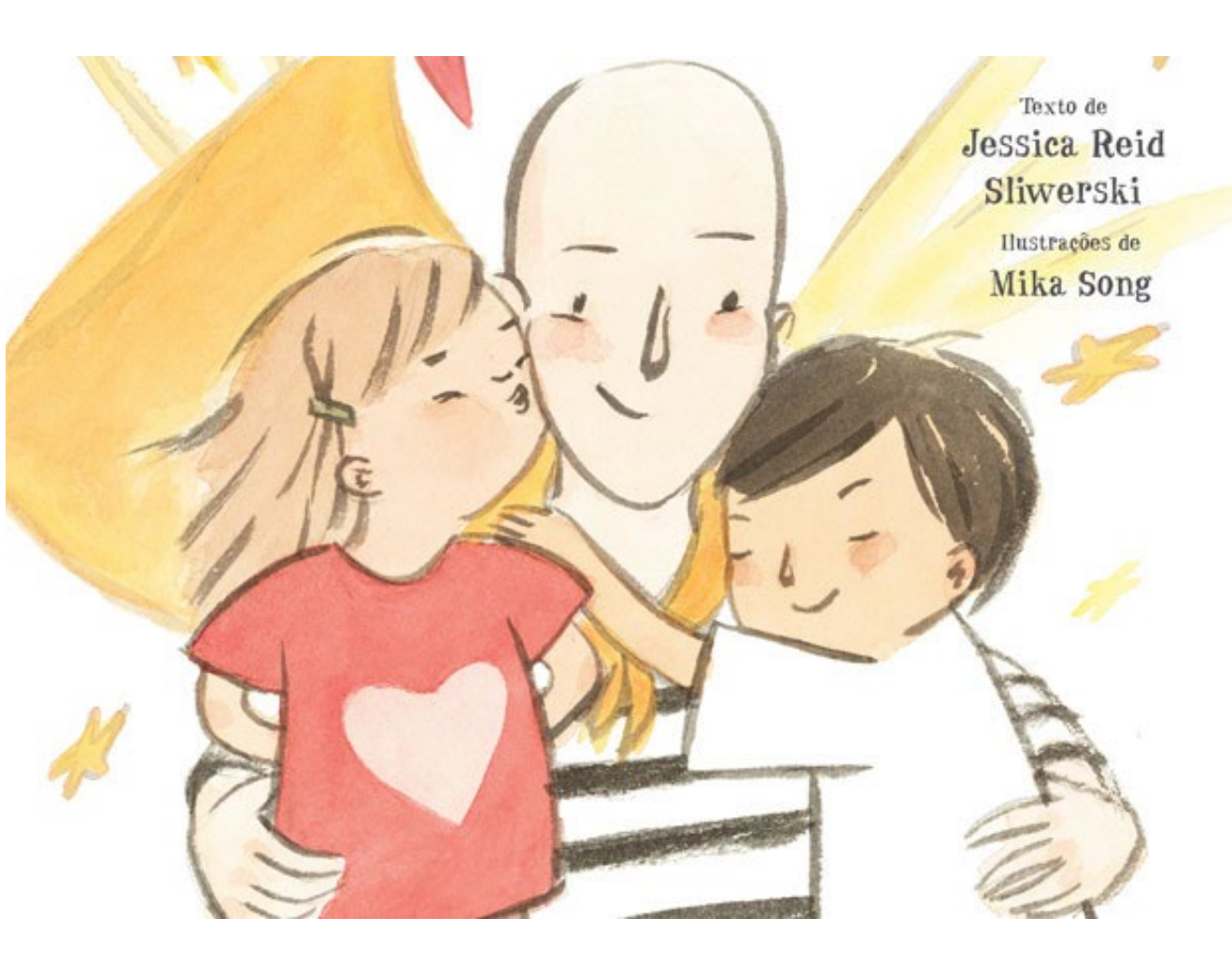

– Preparem-se, temos que ir embora!
– Para onde, papá?
– Não sei, mas para algum sítio longe daqui.
– Porquê?
– Porque a guerra já começou.

Uma história de emigração, escreve-a António Mota no livro ilustrado ***O Gato e a Orquídea*** (Joana Quental, Zero a Oito). Apesar de ser um dos autores com maior pendor realista, as histórias de emigração estão plasmadas nas suas obras juvenis. É pois uma novidade que uma menina de sete anos narre, na primeira pessoa, a experiência de deixar a sua casa e ver partir a mãe e a irmã mais velha rumo a outro país. A sensibilidade do escritor para compor as vozes que cria constata-se precisamente nos detalhes que são as urgências de Catarina: o sonho de ter um quarto só para si, com um gato e sem todos os gestos, sons e hábitos irritantes da irmã mais velha. A sua enunciação, todavia, acontece imediatamente antes da revelação da partida. Catarina não se culpa nem se arrepende de nada do que sentia mas no final o seu comportamento denuncia a saudade que sente pela ausência da irmã. Tudo é bastante natural e afectivo, com muitas demonstrações de amor e atenção, daí a orquídea que fica em casa da avó à responsabilidade da menina. Mas, apesar disso, a situação não deixa de ser aquela.



## Doença, velhice e memória

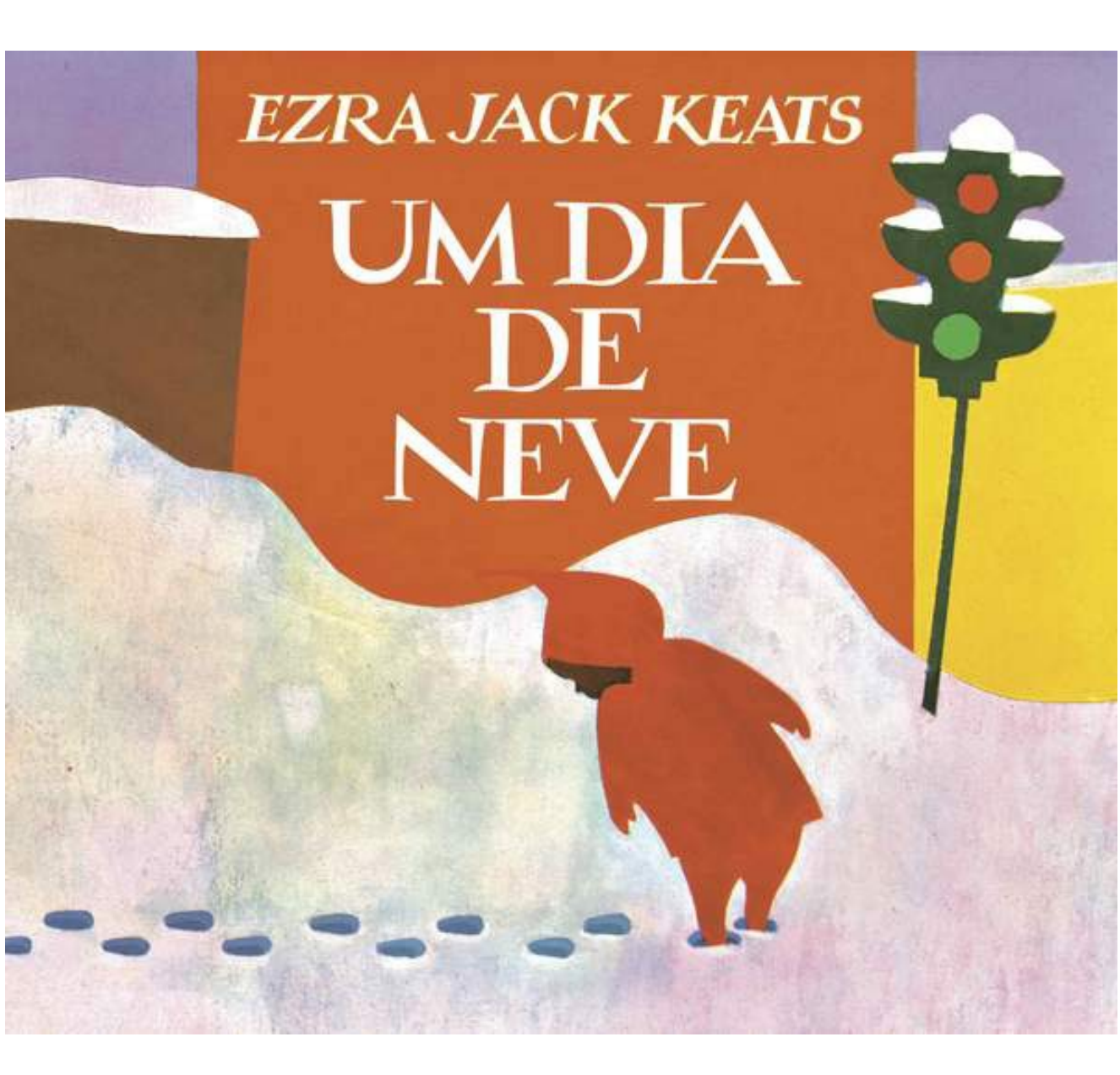
É muito provavelmente a primeira vez que a palavra cancro aparece no título de um álbum para crianças em Portugal, um álbum narrativo. ***O Cancro não gosta de beijinhos*** (Jessica Reid Sliwerski, Mika Song, Asa) relata de forma muito clara e concisa o processo de tratamento do cancro. A escritora, ela própria diagnosticada com a doença pouco depois do nascimento da filha, encadeia a sucessão de acontecimentos – diagnóstico, operação, quimioterapia, efeitos secundários, radioterapia e recuperação – com a atenção e o afecto das crianças, sendo elas as narradoras. O equilibrio é muito bem conseguido, sem eufemismos ou dramatismos e essa é a arte mais difícil.



Em ***O Velho mais velho do mundo*** (César Madureira, Catarina Correia Marques, Máquina de Voar) a crueza não se manifesta com a mesma força. Ao contrário, a ideia da velhice surge associada à ideia de memória. Este homem apresenta ao neto um património que não se escuda na sua biografia ampliando-se à memórias de outros, que ouviu, testemunhou e agora fazem a história, a sua e a que urge dar a conhecer. Ser o homem mais velho do mundo significa ser contaminado pelo seu presente e herdeiro de um passado que, não tendo sido vivido por si, também é alvo da sua apropriação. Contudo, nesta reflexão, o velho assume que não é o lugar de toda a sabedoria, tão pouco de todas as certezas ou da perfeição dos actos e dos juízos. Tal dualidade ontológica retira a ideia de velhice de uma cristalização de sofrimento ou de conhecimento pleno e dá-lhe vida, uma existência que não está para além de incoerências, do bem e do mal. Também não está, neste caso, distante dos afectos, que o velho reclama dos netos, sentando-os no colo e assumindo que «os velhos e as crianças são iguais: mais do que todos os outros, precisam de mãos que façam festas e de bocas e olhos que beijem e sorriam.»

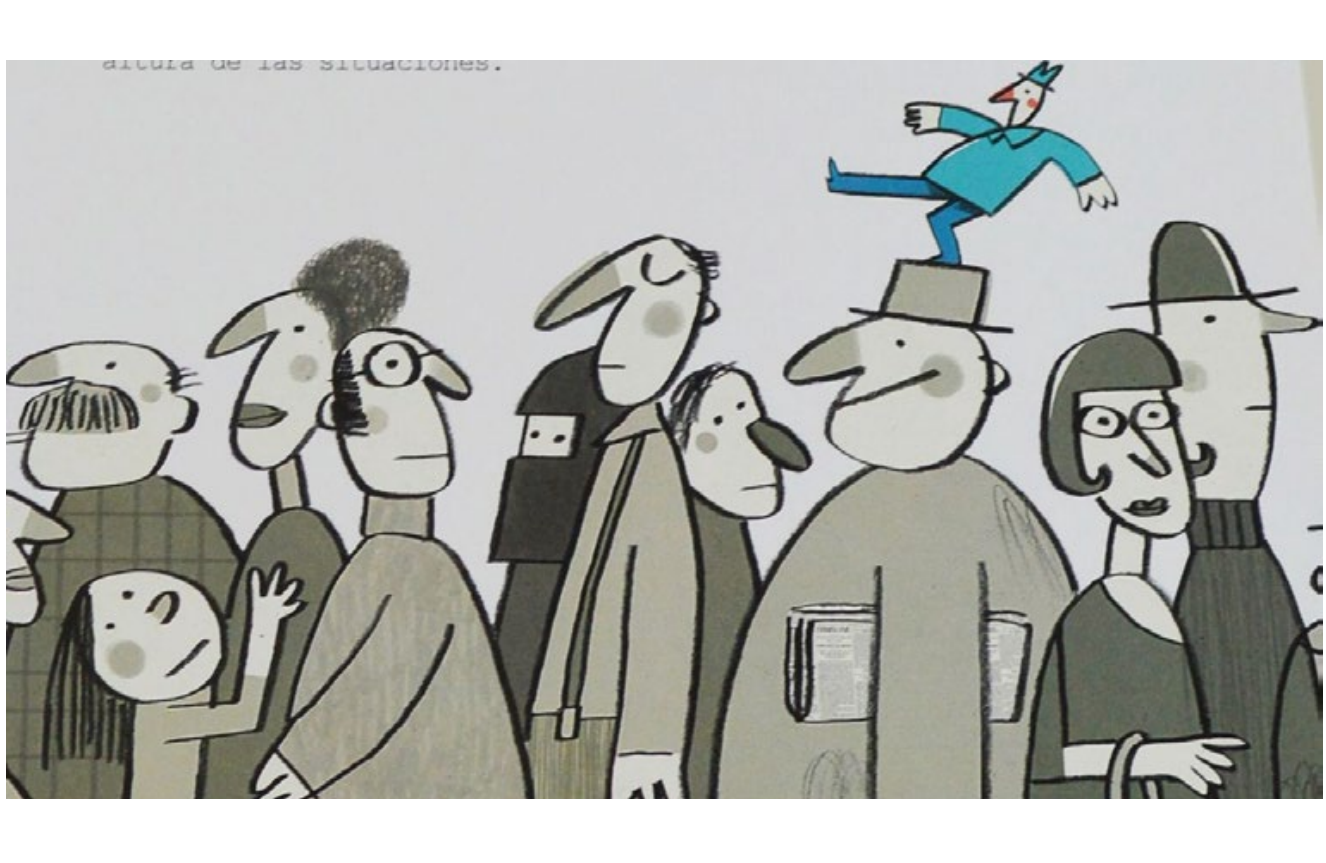
## Ver o outro e reconhecer-se a si

Quem olhe para a capa de ***Um dia de Neve*** (Orfeu Negro) e nada saiba sobre o título ou sobre o seu autor Ezra Jack Keats, não desconfia do que este livro representa. Embora só em fevereiro de 2018 tenha sido editado pela primeira vez em Portugal, este livro é já um clássico nos EUA onde foi publicado em 1962. Como característica principal tem, pela primeira vez na história do álbum infantil, um protagonista negro. Basta contextualizar o livro na época para rapidamente percebermos que foi um passo de gigante. Todavia, mesmo agora em Portugal, não haverá muitos casos idênticos o que é perturbador. A narrativa é singela e nada panfletária o que acentua ainda mais a sua premência. O leitor acompanha o menino ao longo de um dia de brincadeiras na neve. E tudo é normal: o menino experimenta as formas que as suas pegadas deixam, usa ramos para deixar rastos e imagina carris, avalia a possibilidade de brincar com os mais velhos mas logo desiste, faz bolas e bonecos de neve. No final do dia regressa ao conforto de casa e da atenção da mãe. Como qualquer criança feliz. E, para que não restem dúvidas, no dia seguinte volta às brincadeiras na neve com um amigo. A técnica de recortes e manchas, assim como o preenchimento da folha com cor torna os elementos menos figurativos e descritivos, universaliza-os e aproxima-os ainda mais dessa ideia de representatividade. Todos os leitores se podem reconhecer neste menino e qualquer um pode desejar uma experiência assim.



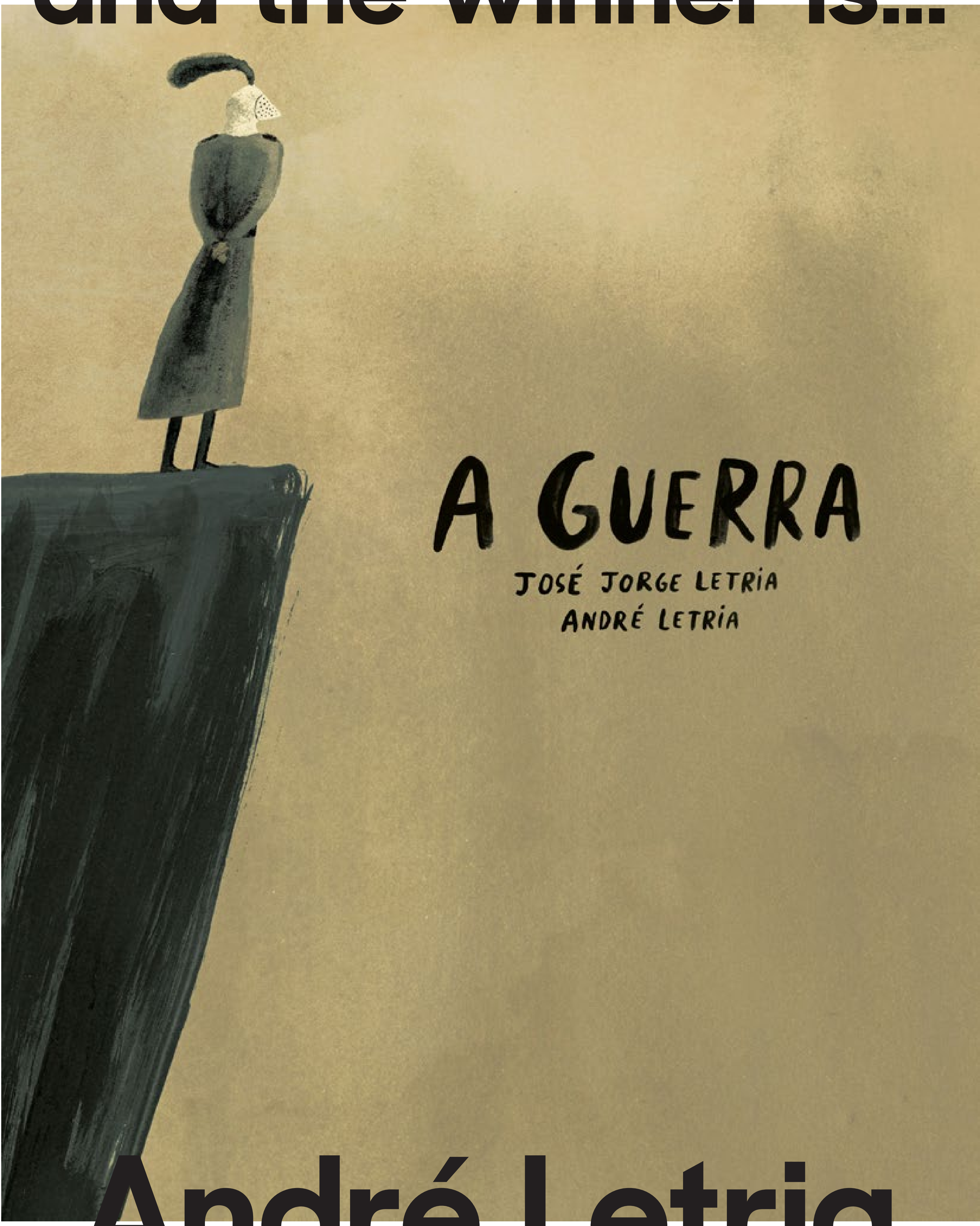
Na perspectiva da reflexão e da crítica sobre o juízo que muitas vezes os grupos fazem sobre quem não se assemelha ou não cumpre as mesmas regras saíram dois títulos que facilmente poderão dialogar. ***O Estranho*** (Kjell Ringi, Bruaá) narra a história de um gigante que chega a um país e que todos estranham e temem, apenas por não saberem quem é. A ilustração representa apenas, durante parte da narrativa, o seu pé, evidenciando a proporção desmedida do corpo deste Estranho em comparação com as figuras daquele reino. Para além do notório desequilíbrio de altura, algo mais relevante surge com esta estratégia: também o leitor não vê o Estranho, partilhando com as pessoas que reagem à sua presença a mesma ignorância. Assim, cabe ao leitor ajuizar em conformidade, pelo menos num momento inicial. Acontece que o medo acaba por passar, apenas quando todos conseguem finalmente ficar ao mesmo nível e o Estranho pode então revelar-se perante uma comunidade que se redime. Já com Cândido acontece o inverso e por isso a sua mensagem é muito mais irónica e corrosiva. Cândido é uma pessoa que não se enquadra nos padrões do grupo e tem sentimentos complexos por causa disso. Se por um lado se permite sentir-se espacial às vezes, sofre de indiferença, solidão, incompreensão. Tenta adaptar-se e parecer indistinto mas é difícil. Até que, a páginas tantas, parece cair no mesmo erro dos outros quando assume uma generalização. Afinal, seja o que for que nos une a um grupo, haverá sempre alguém que o rejeita. Todos temos algo em comum com os outros e algo que nos afasta deles. Isso deveria ser razão bastante para ninguém ser escrutinado na sua identidade.

***Cândido e os outros*** (Fran Pintadera, Christian Inaraja, Kalandraka) propõe ao leitor esse exercício, o de encontrar as diferenças de Cândido em algumas situações do quotidiano. Os quadros, apesar de se deterem na personagem, permitem que cada um extrapole esta ou aquela situação ou sensação e a associe a experiências pessoais. O desenlace revela-se simultaneamente excêntrico, como Cândido assume que é, por vezes, e crítico já que a grande maioria do público vai professar a mesma generalização do protagonista para em seguida se sentir, eventualmente, preconceituoso.


altura de las situaciones.

Afinal a leitura é uma experiência e estes livros, na sua maioria, obrigam a que o leitor se implique. Provocam-lhe uma reacção de solidariedade, medo, identificação, desejo e até de auto-reconhecimento dos preconceitos. A par disso, e não menos importante, estes títulos não escamoteiam o mundo, ou o contexto presente e levam a que os mais novos, e os mediadores com eles, não se alienem tão imediatamente da realidade. Não se trata de um tratamento de choque ou de uma lavagem cerebral ideológica traumática. É preciso saber escolher momentos e idades mas que o mercado editorial possa oferecer temas desta pertinência e com esta qualidade estética e literária é um passo na formação leitora, significando isso formação total.

# and the winner is...



# André Letria

### Little Hakka

As ilustrações de André Letria valeram a *A Guerra* (texto de José Jorge Letria, Pato Lógico) uma das quatro distinções como "Best of the Best"na categoria Professional. Esta é a 2ª edição da Competição Internacional de Livros Ilustrados Little Hakka, na China. No ano passado foi a vez de o júri destacar Catarina Sobral e João Vaz de Carvalho.

### Nami Concours

O Grand Prix do concurso bienal Nami Concours, na Coreia do Sul, foi atribuido a André Letria, também pelas ilustrações de *A Guerra*. Para além do prémio monetário, as ilustrações estarão expostas entre Abril e Julho de 2019 na ilha que dá nome ao concurso e que é igualmente patrocinadora oficial do Prémio Hans Christian Andersen.

# espelho meu

ANDREIA BRITES

## AS PALAVRAS QUE FUGIRAM DO DICIONÁRIO

**Sandro William Junqueira**
**Richard Câmara**
**Caminho**

A ideia é desafiante: vamos à procura das palavras que fugiram do dicionário. Quem são? À partida, sabemos que prezam demasiado a liberdade para se deixarem agrilhoar entre folhas de papel. E, como prometido, cada página deste substituto de dicionário 'fotografa' a palavra e o seu significado com um óculo espião.

Isto tudo significa que o álbum se compõe de vinte e três entradas de dicionário (mas não é um), organizadas alfabeticamente, cumprindo as normas da categorização morfológica. Cada entrada apresenta uma palavra nova e a sua definição. É evidente que o humor está imanente a todo o livro, não apenas pelas palavras inventadas, muitas delas derivações de palavras compostas por justaposição ou aglutinação já existentes, mas pelo significado que lhes é atribuído e está directamente relacionado com os radicais ou palavras originais. Ainda, Richard Câmara ilustra (no sentido mais etimológico do termo) estes novos signos com o sentido hiberbólico do cartoon, cheios de contornos largos, figuras curvas, cores planas e fortes, traços que evocam movimento. Apesar de uma tendência absurda (daí o humor, pois claro!) Sandro William Junqueira não parece ter feito nascer estes neologismos à toa, tão pouco ter tecido acidentalmente relacções entre eles. Por isso, a abrir temos uma elegia à beleza e um remoque às coisas feias do mundo e da vida. E uma lixeira informe. Muco nasal é riso garantido e uma constipação que afinal se converte num palhaço bonstipado só pode correr bem: a alegria das pequenas coisas tem mesmo uma magia especial, que aparentemente só os tontos vêem, o que é uma pena. Depois há outras palavras menos comprometidas com os bens e males do mundo e mais com os seus leitores ideais: é o caso de dentógrafo, que eles talvez apreciem menos que os adultos...

AS PALAVRAS QUE FUGIRAM DO DICIONÁRIO
Sandro William Junqueira Richard Câmara
CAMINHO

Depois há remédios para o sono, sintomas provocados pelo ruído ou som em excesso, cansaço, amor, desejos que se concretizam, uma nova versão de um trava-línguas, cores, elefantes, ratos, náufragos, homens das cavernas ou simplesmente que frequentam muito o ginásio... Atender e realizar o que não é possível, acreditar, ter sentido de humor, dançar, apaixonar-se, viajar e contrariar o status quo dos factos, do conhecimento, dos dogmas. Mesmo que o riso seja a porta de entrada para a leitura deste diálogo texto-imagem, há muito de silogistico, lógico e poético nestas definições.

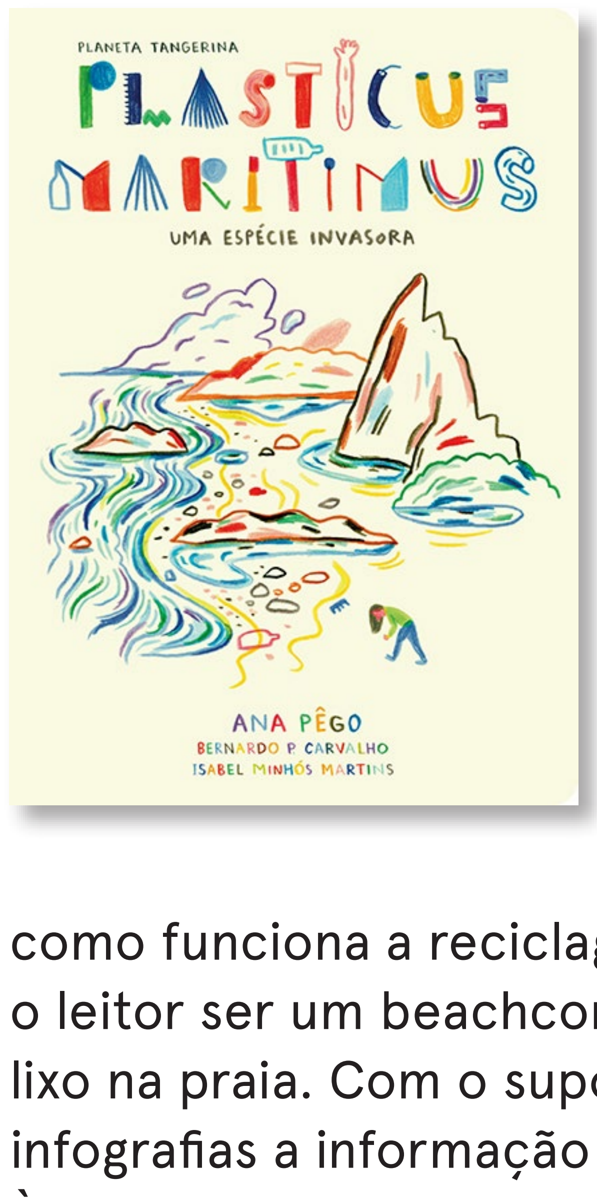
"Nadografar (v.i.) verbo intransitivo

Ato ou efeito de encontrar sítios e lugares que não existem. E medir a velocidade das coisas imóveis. Quem nadografa regista num caderno a altura, o comprimento e a largura do nada acontecer. Há quem lhes chame poetas, há quem lhes chame loucos, há quem não dê por eles – e ainda bem."

## PLASTICUS MARITIMUS, UMA ESPÉCIE INVASORA

**Ana Pêgo**
**Isabel Minhós Martins**
**Bernardo P. Carvalho**
**Planeta Tangerina**

Neste novo livro informativo é a vez de a bióloga Ana Pêgo contar, na primeira pessoa, o perigo que o plástico que se encontra no mar representa para a sustentabilidade do planeta. Plasticus Maritimus foi o nome que a cientista e ativista deu a todos os tipos de plásticos que acabam no mar, vindos pelo curso dos rios, pelas descargas das ETARs, pelo vento ou mesmo provenientes do trânsito marítimo de cargas, pesca e turismo. Plasticus Maritimus vai buscar o nome à matéria e ao local mas não se esgota apenas numa definição. Desde há anos Ana Pêgo desenvolve um projecto de recolecção de plástico que dá às praias e que reutiliza em oficinas de arte e exposições com o objectivo de sensibilizar, informar e reflectir sobre o problema da invasão do plástico nos oceanos. O livro pretende ser um guia que informa o leitor não especializado sobre estatíticas, história, modos de transformação das matérias primas, tipos de plástico e seus compostos, como funciona a reciclagem e, finalmente, como pode o leitor ser um beachcomber, ou seja, um apanhador de lixo na praia. Com o suporte da ilustração, das notas e infografias a informação torna-se mais completa.


PLANETA TANGERINA
PLASTICUS MARITIMUS
UMA ESPÉCIE INVASORA
ANA PÊGO
BERNARDO P. CARVALHO
ISABEL MINHÓS MARTINS

À clareza com que o tema é apresentado, sem apologias morais, junta-se o testemunho da experiência da própria Ana Pêgo que relata alguns dos objectos mais estranhos que apanhou na praia, como um tinteiro de impressora HP que, depois de ter entrado em contacto com outra beachcomber inglesa veio a confirmar pertencer a um contentor que se tinha perdido no Mar do Norte. Há fotografias a documentar os achados: garrafas, balões, tampas, pentes, escovas de dentes, pneus, cordas de pesca, brinquedos de plástico, pontas de guarda-sol, bóias... No top dos plasticus maritimus mais encontrados em Portugal estão as beatas, seguidas pelas palhinhas, cotonetes, tampas de garrafas e garrafas.

A perspectiva da análise ao flagelo do plástico no mar é mundial, apenas o que diz respeito ao quotidiano da bióloga se reporta às praias que frequenta, a maioria delas na zona de Cascais. Por isso um aspecto que não é descurado é o de enumerar as medidas políticas que têm vindo a ser tomadas por vários países no sentido de diminuir a produção de objectos de plástico descartáveis. Por exemplo, o leitor fica a saber que a China terá deixado de importar lixo, nomeadamente plástico, de outros países. Perceber uma conjuntura à escala global conjuga-se na perfeição com o activismo individual que o livro defende no sentido em que o compromisso de cada um ajudará a levar os poderes a tomar decisões. Por isso, para além do incentivo à responsabilização, este guia traz várias sugestões para uma redução no consumo de plástico que vão mais além do que a substituição do saco descartável pelo saco reutilizável. Passa mesmo por uma reflexão mais profunda sobre a forma como consumimos e como escolhemos o que consumimos (alicerçada em sete R, uma mnemónica para a ação). A terminar há alguma informação sobre a história do plástico, o seu fabrico e algumas atividades. Uma última palavra para o formato do livro, que o design do Planeta Tangerina tem sempre em grande atenção. Se o Atlas também editado em 2018 se entendia grande, para melhor se atentar nos mapas de viagens, este guia quer-se pequeno, de capa mole e cantos redondos, pronto para pôr na mochila ou num bolso maior do impermeável de um leitor beachcomber potencial.

# A GUERRA DO DESPREZO

### JOSÉ SARAMAGO

Artigo publicado originalmente na revista *Visão* e que integra *O último caderno de Lanzarote*, diário de José Saramago referente ao ano de 1998, editado recentemente em português e espanhol.

O braço direito do índio Jerónimo não se pode levantar porque tem completamente destroçada a articulação do ombro. A mão direito do índio Jerónimo é um coto sem dedos. Não se sabe o que está sob a ligadura que lhe envolve o antebraço. O lado direito do tronco do índio Jerónimo mostra, de cima a baixo, uma cicatriz larga e funda que parece partir-lhe o corpo em dois. Os olhos do índio Jerónimo perguntam-me que faço ali. O índio Jerónimo tem quatro anos e é um dos sobreviventes da matança de Acteal. Não suporto ver aquele braço, aquela mão, aquela cicatriz, aquele olhar, e viro as costas para que não se perceba que vou chorar. Diante de mim, velada pelas lágrimas que me queimam os olhos, está a fossa comum onde se encontram, em duas filas paralelas, os quarenta e cinco mortos de Acteal. Não há tabuletas com nomes. Tiveram um nome enquanto viveram, agora são, simplesmente, mortos. O filho não saberia dizer onde estão os pais, os pais não saberiam dizer onde está o filho, o marido não sabe onde está a mulher, a mulher não sabe onde está o marido. Estes mortos são mortos da comunidade, não das famílias que a constituem. Sobre eles está a construir-se uma casa. Amanhã, um dia, nas paredes que a pouco e pouco vão sendo erguidas, veremos as imagens possíveis da carnificina, o enterramento dos cadáveres, leremos enfim os nomes dos assassinados, algum retrato, se o tinham. Debaixo dos nossos pés estarão os mortos.

Trabalhosamente, descemos ao barranco onde as vítimas se esconderam, fugidas à agressão dos paramilitares que desciam a encosta disparando. A igreja, simples barracão de tábuas em bruto, sem adornos, sequer uma cruz tosca na frontaria, onde os índios, desde há três dias, estavam jejuando e rezando pela paz, mostra os sinais das balas. Dali se escaparam os espavoridos tzotziles de Acteal julgando poder encontrar refúgio mais para baixo, numa reentrância do terreno escarpado. Não sabiam que tinham entrado numa ratoeira. A horda dos paramilitares não tardou a descobrir aquele informe amontoado de mulheres, homens e crianças, dezenas de corpos trémulos, de rostos angustiados, de mãos levantadas a implorar misericórdia. (Ai de nós, o ato de apertar o gatilho de uma arma tornou-se tão habitual na nossa espécie que até o cinema e a televisão já nos dão lições gratuitas dessa arte a qualquer hora do dia e da noite.) Sobre o mísero nó humano que se contorcia e gritava, os paramilitares despejaram, a gosto, rajadas e rajadas, até que o silêncio da morte respondeu aos últimos disparos. Algumas crianças (talvez o índio Jerónimo?) escaparam à chacina por terem ficado debaixo dos corpos crivados de balas. Apenas a 200 metros dali, quarenta agentes da Segurança Pública, chefiados por um general reformado, ouviram o tiroteio e não deram um passo, não fizeram um gesto, apesar de saberem o que estava a acontecer. Foi tal a indiferença das autoridades que nem ao menos cortaram o trânsito na estrada que passa por Acteal, a pouca distância do local do múltiplo crime. A cumplicidade das diversas forças armadas mexicanas com os paramilitares ligados ao partido do Governo, por de mais evidente, não precisa de melhor demonstração.

No município índio de Chenalhó (leia-se Chenal-hó), onde se encontra o povoado de Acteal, misturam-se as histórias pessoais e familiares, políticas e sociais. “Zapatistas” e “priístas” têm parentes e amigos no outro bando, e não é raro que os vexames recíprocos destruam os afetos. Os deslocados, varridos brutalmente de um lado para outro, provêm da destruição das pequenas aldeias em que viviam, da falta de respeito pelos campos comunais, da impossibilidade de se reunirem em assembleias e de trabalharem sem medo, das humilhações infligidas pelas autoridades, da mudança forçada de dirigentes por outros sem mandato nem eleição, da destruição dos símbolos comunitários, da proibição de reuniões, ou toleradas sob a vigilância de paramilitares protegidos pela polícia. Na *guerra do desprezo* que se está travando em Chiapas, os índios são tratados como animais incómodos. E a multinacional Nestlé aguarda com impaciência que o assunto se resolva: o café e o cacau estão à sua espera...

»Perto de Acteal, em Polhó (pronuncie-se Pol-hó), num cartaz à entrada do acampamento de deslocados zapatistas, leem-se estas palavras: “Que será de nós quando o último de vós se for embora?” E eu pergunto: “Que será de nós quando se perder a última dignidade do mundo?”»

# Um euro.

## Casa Fernando Pessoa
## Fundação José Saramago

**Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor mediante apresentação do bilhete de entrada na primeira Casa visitada. O desconto tem a validade de 10 dias.**

10 ANOS YEARS AÑOS

Fundação
José Saramago

Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
Tel. +351 218 802 040
josesaramago.org

Casa
Fernando
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
Tel. +351 213 913 270
casafernandopessoa.pt

LISBOA EGEAC

## Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

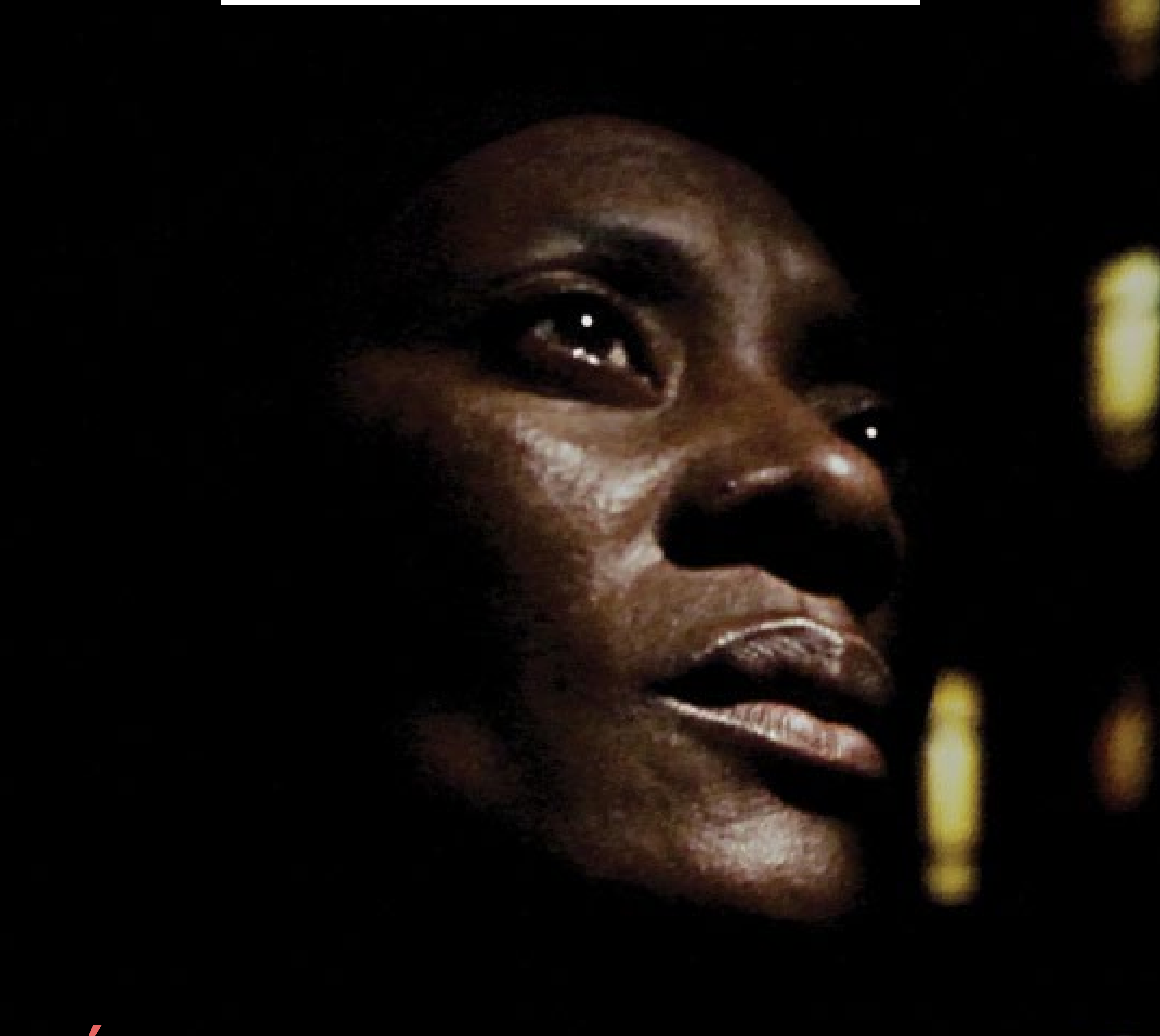
# A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.
Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands**
**www.acasajosesaramago.com**

Fotografia de João Francisco Vilhena

# janeiro



CAVALO DINHEIRO

## ATÉ 27 JAN

### PEDRO COSTA: COMPANHIA

Obras do realizador Pedro Costa criadas em colaboração com o escultor Rui Chafes, o fotógrafo Paulo Nozolino ou os cineastas Danièle Huillet, Jean-Marie Straub e Chantal Akerman. Porto, Museu de Serralves. ►

## ATÉ 16 FEV

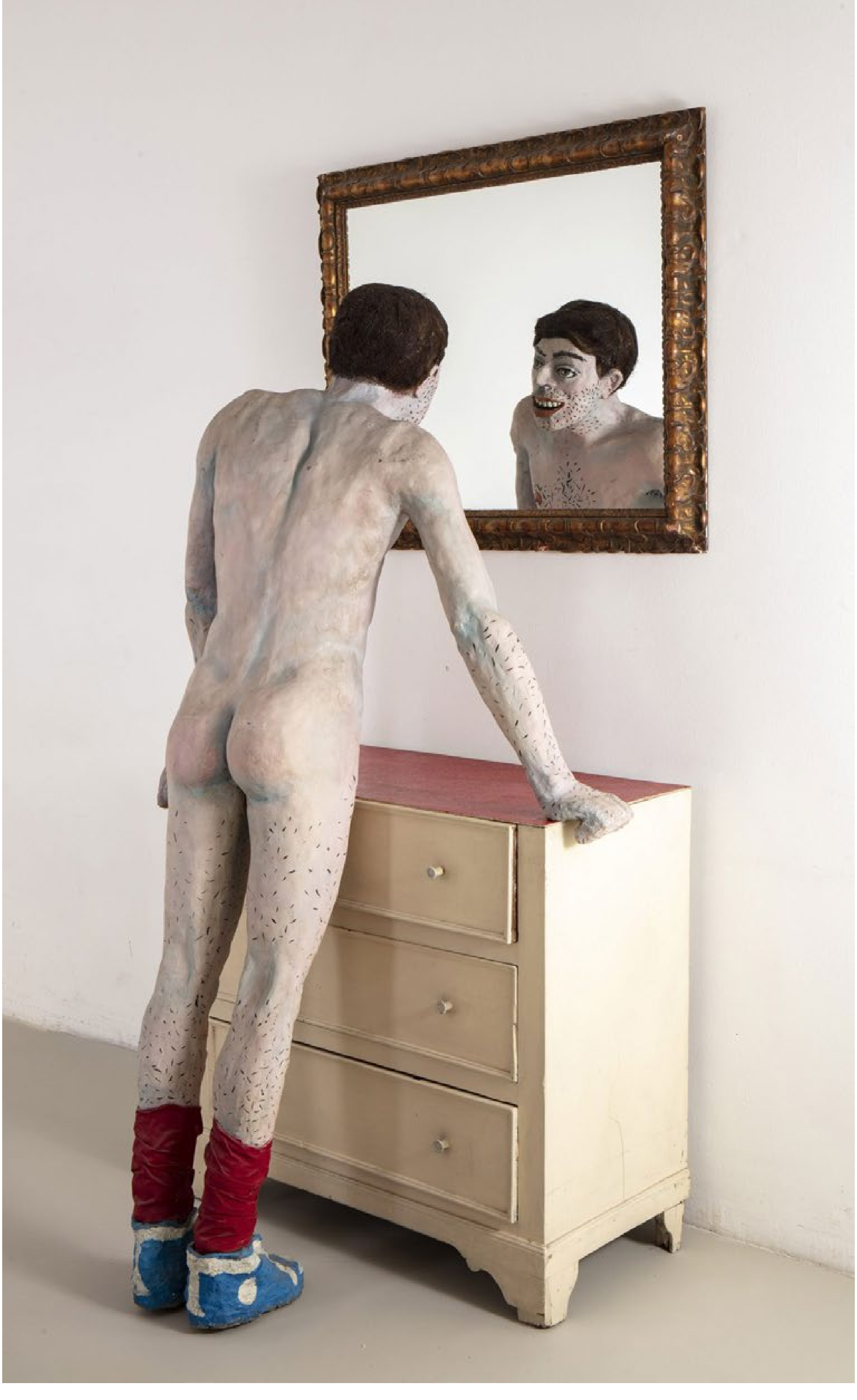
### SOB A CHAMA DA CANDEIA

Exposição que reúne vários trabalhos do iluminador português Francisco de Holanda, entre manuscritos, gravuras e óleos, para além de alguns objetos. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal. ►

## ATÉ 18 FEV

### NARCISO PLEBEYO

Retrospetiva de Pablo Suárez (Buenos Aires, 1937-2006), figura central da cena artistica de Buenos Aires ao longo de quatro décadas, entre os anos 1960 e os 2000. Buenos Aires, MALBA. ►



## ATÉ 24 FEV

### EL SUEÑO DE LA VIDA

Com encenação de Lluís Pasqual, espetáculo criado a partir de um texto de Alberto Conejero a partir de la última linha de Comedia sin título, a obra inacabada de Federico García Lorca. Madrid, Teatro Español. ►

WISLAVA SZYMBORSKA

## ATÉ 24 FEV

### SILÊNCIO E MEMÓRIA – 23 PRÉMIOS NOBEL DE LITERATURA

Exposição que reúne mais de 160 fotografias de Kim Manresa e vários excertos das entrevistas realizadas por Xavi Ayéna a 23 laureados com o maior galardão literário do mundo. Lisboa, Museu de Lisboa – Torreão Poente. ►

## ATÉ 10 MAR

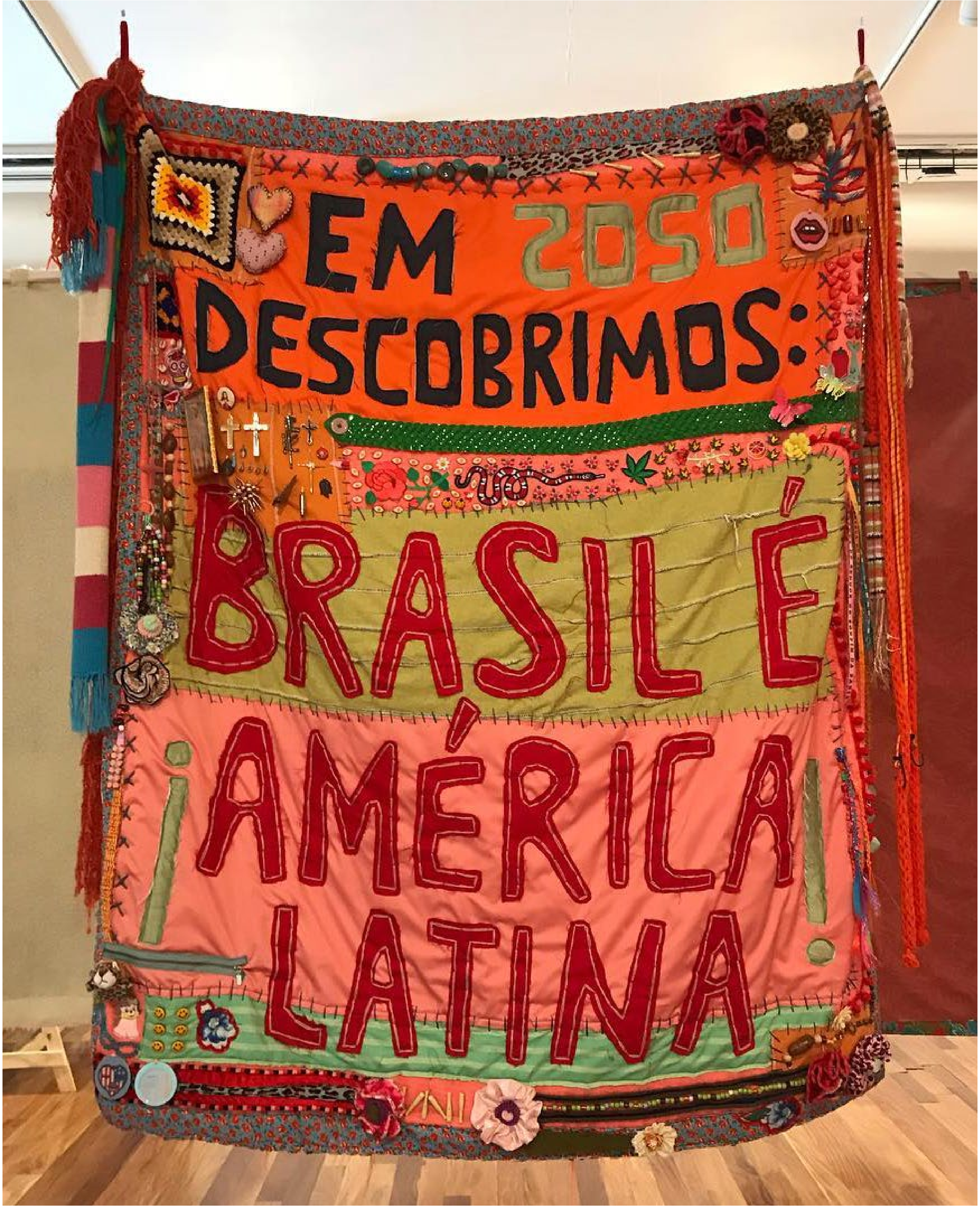
### PERENCONTRO

Instalação da galega Alejandra Pombo, com a participação dos artistas Mårten Spångberg e Josu Bilbao, em torno da ideia de encontro. Santiago de Compostela, Zona C. ►

## ATÉ 31 MAR

### STANLEY KUBRICK

Exposição dedicada ao trabalho do realizador de Laranja Mecânica, focando-se não apenas na sua obra cinematográfica, mas igualmente noutras abordagens artístico-documentais. Barcelona, Centre de Cultura Contemporània. ►



## ATÉ 16 MAI

### ARTE DEMOCRACIA UTOPIA - QUEM NÃO LUTA TÁ MORTO

Com curadoria de Moacir dos Anjos, esta exposição integra trabalhos que exemplificam o pensamento utópico que marca a arte brasileira recente, alguns assinados por artistas, outros por coletivos, associações e grupos comunitários. Rio de janeiro, Museu de Arte do Rio. ►

## ATÉ 27 MAI

### REDES DE VANGUARDIA. AMAUTA Y AMÉRICA LATINA, 1926-1930

Exposição que reúne trabalhos publicados pela revista peruana *Amauta*, fundada y dirigida por José Carlos Mariátegui, uma das mais importantes publicações artísticas do século XX na América Latina. ►

# A vara de negrilho

## Uma leitura de Manuel Gusmão de A Jangada de Pedra

Quando Joana Carda riscou o chão com a vara
de negrilho, as penínsulas rasgaram o tecido
dos continentes e mergulharam no Poema
do Mar, perante o olhar amarelado dos cães
que perseguiam em vão a gazela da Ibéria

Quando com a vara de negrilho Joana Carda riscou
o chão, Ricardo Reis tomou para si a compaixão
que um casal de velhos dedicava aos marinheiros
revoltosos e desamparado resolveu morrer,
na luz da tarde que sem remédio arrefecia.

Quando com a vara de negrilho riscou Joana Carda
o chão ocidental, os cães dispuseram-se em ordem
de combate: primeiro, os cães de uma só cabeça
que se inspiravam nos sonhos do seu lobo;
depois, os cães de duas cabeças que apontavam,

- mas qual delas? - na direcção da fronteira e,
finalmente, os cães de três cabeças, os cérberos
que às ordens de Caronte uivavam à lua vermelha
que subia ou descia no abismo celeste para
que os mortos pudessem chegar a bom porto.

Quando Joana Carda com a vara de negrilho riscou
o chão, Ricardo Reis e Fernando Pessoa sentaram-se
num banco de namoro entre exíguas pimenteiras
e puseram-se a morrer, ouvindo o sangrento clamor dos cães
transparentes que choravam o exílio de Cesário.

Quando as mil e uma vozes do mundo do silêncio
se puseram a ladrar ao mesmo tempo e a maior onda
se ergueu sobre a terra da margem, os construtores souberam
que aquela era a passagem por onde poderiam passar.

Não acredito nem nunca acreditei que o riso pudesse mudar alguma coisa no mundo. Enquanto eu estiver a rir-me do poder, por exemplo, esse mesmo poder estará, também por exemplo, a matar alguém.

**José Saramago** ***Último Caderno de Lanzarote***